



Nora Roberts

PORTO
DE ABRIGO

Tradução de Carla Ferraz



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



TÍTULO: *Porto de Abrigo*
AUTORIA: *Nora Roberts*
EDITORIA: *Maria João Costa*
Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.
Título original Inner Harbor © 1999 Nora Roberts.
Publicado originalmente nos EUA por Jove, 1999

TRADUÇÃO: *Carla Ferraz*
REVISÃO: *Idalina Morgado*
COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*
DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*
1ª EDIÇÃO: *Janeiro, 2008*
ISBN: *978-989-8032-25-6*
DEPÓSITO LEGAL: *??????/07*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência
Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal
TEL E FAX: *214 583 770*
WWW.CHADASCINCO.COM

Caro leitor,

Um lar representa coisas diferentes para pessoas diferentes. Construir um lar pode ser um desafio e uma alegria. Considerem-se com sorte, os que de nós têm boas recordações do lugar da sua infância, das tradições que por lá abundam. Porto de Abrigo fala da construção desse lar, de erguê-lo, de conservá-lo.

Ray e Stella Quinn deram a Phillip uma segunda oportunidade na vida. Ele jamais se esqueceu do que fizeram por ele. Com os irmãos, Cameron, Ethan e agora Seth, Phillip esforçou-se por manter o lar que os acolheu, cumprindo a promessa que fizera ao homem que amava. Talvez tivesse preferido a vida que tinha em Annapolis, os museus, os restaurantes, as multidões, mas cumprira a promessa, até mesmo quando isso implicara passar uns dias na Costa, aplicado por entre cascos e trabalho braçal.

Era um lar que Ray haveria de ter querido para os seus filhos, para todos eles. Para manter a sua promessa, bem como o seu lar, Phillip tem de aceitar o rapaz que Ray trouxe para as suas vidas, e lidar com uma bela mulher, cujos segredos os irão afectar a todos — uma mulher que precisa tanto da sua confiança quanto do seu coração.

Para limpar o nome do pai e cumprir um voto solene, os Quinn vão unir-se. Uma família constituída pelo destino e pelos corações generosos de um casal especial.

Nora Roberts

*Para Elaine e Beth, as irmãs mais dedicadas...
apesar de não vestirem organdi azul, nem cantarem*

PRÓLOGO

Phillip Quinn morreu aos treze anos. Mas como a equipa médica, exausta e mal paga, das urgências do Hospital Distrital de Baltimore o ressuscitou em menos de noventa segundos, não esteve morto durante muito tempo.

Segundo ele, foi tempo mais que suficiente.

O que o matou, em linhas breves, foram duas balas de calibre .25, despejadas durante um trabalhinho de sábado à noite, pela janela aberta de um *Toyota Celica* roubado. O dedo no gatilho pertencera a um amigo íntimo — ou o que de mais aproximado podia ter um ladrãozeco de treze anos, nas ruas cruéis de Baltimore.

As balas falharam o coração. Por pouco, mas nos anos seguintes, Phillip haveria de achar que fora longe o bastante.

O coração, jovem e forte, apesar de tristemente extenuado, continuara a bater enquanto ele permanecia deitado, a esvair-se em sangue por cima dos preservativos usados e dos frasquinhos de *crack*, na sarjeta imunda da esquina da Fayette com a Paca.

A dor era obscena, como lâminas afiadas, em brasa, que lhe perfuravam o peito. Mas a dor lancinante recusara-se a entregá-lo para a libertação da inconsciência. Permaneceu acordado e consciente, a ouvir os gritos de outras vítimas ou de quem passava, o chiar dos travões, o refulgir dos motores, e os seus próprios arquejos entrecortados e breves.

Acabara de fazer negócio com uma mão-cheia de aparelhos electrónicos que roubara no assalto a um terceiro andar, a menos de quatro quarteirões dali. Tinha duzentos e cinquenta dólares no bolso e pedira esmola, até conseguir um saco cheio de moedas para passar a noite. Como se haviam acabado os noventa dias na casa de correcção, por causa de mais um assalto com arrombamento que não correu muito bem, ficara sem abrigo. E sem dinheiro.

Agora, parecia que se lhe acabara a sorte.

Mais tarde, lembra-se de ter pensado, *Merda, oh, merda, como isto dói!* Mas não conseguiu pensar em mais nada. Atravessara-se no caminho. Sabia disso. As balas não se destinavam a ele. Conseguira ver de fugida as cores do gangue naqueles três segundos antes de dispararem a arma. Eram as suas cores, de quando se dera ao trabalho de se juntar a um dos gangues que vagueavam pelas ruas e becos da cidade.

Se não tivesse fugido às garras do sistema, não estaria naquela esqui-

na, naquele preciso momento. Ter-lhe-iam dito para se afastar, e não estaria agora ali caído no chão, a esvaír-se em sangue, a fitar as entranhas sujas da sarjeta.

Luzes piscavam — azuis, vermelhas e brancas. O clamor das sirenes elevava-se sobre os clamores humanos. Polícias. Apesar da dor lancinante, o seu instinto instigava-o a fugir. Na sua mente, levantara-se, jovem e ágil, astuto, fundindo-se nas sombras. Mas o mero esforço que implicava pensar nisso causava-lhe suores frios, que lhe escorriam pela cara abaixo.

Sentiu uma mão no ombro, e dedos que lhe tacteavam a fraca pulsação no pescoço.

Este está a respirar. Chamem os paramédicos.

Alguém o virou. A dor tornara-se insuportável, mas ainda assim, não conseguiu soltar o grito que trazia preso dentro da cabeça. Viu rostos suspensos, o olhar duro de um polícia, a expressão severa do paramédico. Luzes vermelhas, azuis e brancas feriam-lhe os olhos. Alguém chorava alto entre soluços agudos.

Aguenta-te, miúdo.

Porquê? Só queria perguntar porquê. Magoava-o estar ali. Nunca haveria de se conseguir safar, como outrora prometera que faria. O que restava da sua vida estava a esvaír-se em tons vermelhos para a sarjeta. O que acontecera antes fora apenas algo horrível. O que lhe restava agora era apenas a dor.

Ficar, para quê?

Por instantes, deixou-se ir, assoberbado pela dor, onde o mundo se tingia de um vermelho profundo e intenso. Algures do mundo exterior surgiu o grito das sirenes, a pressão no peito, a corrida veloz da ambulância.

Depois, as luzes outra vez, de um branco brilhante que lhe penetravam as pálpebras fechadas. Sentia-se a voar, enquanto as vozes gritavam em todas as direcções em seu redor.

Ferida de bala, peito. A pressão sanguínea oitenta a cinquenta, e a cair, pulsação fraca acelerada. Perdas de consciência. Pupilas ok.

Tipo e compatibilidade. Precisamos de radiografias. Até três. Um, dois, três.

O seu corpo parece estremecer, para cima e depois para baixo. Já não queria saber. Até o vermelho profundo começava a ficar cinzento. Um tubo abria caminho pela garganta abaixo, e nem tentava tossir, para o expelir. Mal sentia o que fosse, e dava graças a Deus por isso.

A pressão sanguínea está a cair. Vamos perdê-lo.

Já se perdera havia algum tempo, pensava ele.

Observava com um interesse vago, meia dúzia de pessoas vestidas de verde, numa sala pequena, rodeavam um rapaz alto e louro que se encon-

trava deitado numa marquesa. Havia sangue por todo o lado. Sangue seu, sabia ele. Via-se naquela marquesa de peito aberto. Via-se lá de cima com uma vaga compaixão. Agora já não sentia dor, e a sensação de alívio apaziguadora quase o fez sorrir.

Permitiu-se flutuar para mais longe, até a cena lá em baixo adquirir um reflexo pérola e os sons se limitarem a ecos.

Até que a dor o começou a dilacerar, com um choque abrupto que estremeceu o corpo na marquesa, que o trouxe de volta. A luta que abraçou por não regressar revelou-se infrutífera. Voltara para dentro de si, para as sensações, para se perder de novo.

Num ápice, encontrava-se submerso numa névoa de analgésicos. Alguém ressonava. O quarto estava escuro e a cama era estreita e dura. Um raio de luz abria caminho, filtrado por uma janela de vidro manchada de impressões digitais. Máquinas apitavam e exerciam um movimento de refluxo monótono. Querendo apenas fugir àqueles ruídos, deixou-se mergulhar outra vez.

Durante dois dias, viveu breves momentos de consciência. Teve muita sorte. Pelo menos, foi isso que lhe disseram. Havia uma enfermeira bonita, de olhar cansado, e um médico de cabelo grisalho e lábios finos. Não estava disposto a acreditar neles, nem mesmo a ver-se tão fraco que mal conseguia levantar a cabeça, nem quando a dor lancinante regressava implacavelmente ao seu corpo a cada duas horas.

Quando os dois polícias entraram, ele estava consciente, e a dor desvanecera-se sob ligeiras camadas de morfina. Bastou um olhar para perceber que eram polícias. A sua intuição não se encontrava tão toldada, que não reconhecesse o andar, os sapatos, os olhos. Não precisava da identificação que lhe mostraram.

— Tem um cigarro? — perguntava Phillip a toda a gente que passava. Sentia um desespero gritante por nicotina, apesar de duvidar que conseguisse deitar a mão a um cigarro a sério.

— És muito novo para fumar. — O primeiro polícia estampou no rosto um sorriso avuncular e deixou-se ficar ao lado da cama. *Era o Bom Polícia*, pensava Phillip, aborrecido.

— Estou a envelhecer a cada minuto que passa.

— Tens sorte em estar vivo. — O segundo polícia mantinha uma expressão severa, ao puxar do bloco de notas.

E o Polícia Mau, decidiu Phillip. Sentia-se quase divertido.

— É isso que me estão sempre a lembrar. Afinal, que raio é que aconteceu?

— Esperava que nos contasses. — O Polícia Mau pousou o lápis numa página do bloco.

— Levei com um tiro nas ventas.
— O que é que andavas a fazer na rua?
— Acho que estava a ir para casa. — Já decidira como ia jogar, e deixou cair as pálpebras. — Não me lembro bem. Tinha ido... ao cinema? — Deixou uma interrogação no ar, abrindo os olhos. Percebia que o Polícia Mau não se deixara convencer, mas o que podiam fazer?
— Que filme é que foste ver? Foste com quem?
— Ouça, não faço ideia. Está tudo muito confuso. Num momento estava a passear, no outro estava caído de barriga para baixo.
— Conta-nos só o que te lembrares. — O Polícia Bom pousou a mão no ombro de Phillip. — Não tenhas pressa.
— Foi tudo muito rápido. Ouvi tiros... deviam ser tiros. Alguém começou a gritar, e foi como se qualquer coisa tivesse explodido no meu peito. — Até ali, não fugira à verdade.
— Viste algum carro? Visto ao autor dos disparos?
Ambos permaneciam vívidos no seu cérebro, como ácido sobre ferro. — Acho que vi um carro... de cor escura. Um *flash*.
— Pertences aos *Flames*.
Phillip desviou o olhar para o Polícia Mau. — Dou-me com eles, de vez em quando.
— Três dos corpos que recolhemos nas ruas eram membros da *Tribe*. Não tiveram a tua sorte. Existe uma grande animosidade entre os *Flames* e a *Tribe*.
— Foi o que ouvi dizer.
— Levaste dois tiros, Phil. — O Polícia Bom esboçou no rosto uma expressão preocupada. — Mais um milímetro para o lado, e morrias antes de embater no chão. Pareces ser um miúdo esperto. Um miúdo esperto não é parvo, achando que deve manter-se leal a uma cambada de idiotas.
— Não vi nada. — Não se tratava de lealdade. Era instinto de sobrevivência. Se desse com a língua nos dentes, estava morto.
— Tinhas mais de duzentos dólares na carteira.
Phillip encolheu os ombros, arrependido, ao sentir a dor atizada pelo gesto. — Ai, sim? Bom, talvez dê para pagar a conta, aqui no Hilton.
— Não te armes em esperto comigo, meu vadio. — O Polícia Mau debruçou-se na cama. — Todos os dias encontro merda da tua laia. Não passam um dia fora do sistema sem acabar a sangrar na valeta.
Phillip nem pestanejou. — Levar um tiro é considerada violação da liberdade condicional?
— Onde arranjaste o dinheiro?
— Não me lembro.
— Estiveste a fazer negócio no Supermercado da Droga.

— Encontraram droga na minha roupa?

— Talvez. Não te deves lembrar, pois não?

Bem jogado, pensava Phillip. — Agora até me dava jeito.

— Descontraí um bocado. — O Polícia Bom rodou nos calcanhares. — Olha, filho, se colaborares, seremos justos contigo. Tens passado a vida dentro e fora do sistema, por isso já sabes como as coisas funcionam.

— Se o sistema funcionasse, eu não estaria aqui, pois não? Não me podem fazer nada que já não tenham feito antes. Por amor de Deus, se soubesse que se ia passar alguma coisa, nem sequer teria lá estado.

O súbito burburinho no corredor desviou a atenção do polícia. Phillip limitou-se a fechar os olhos. Reconheceu a voz que gritava numa fúria imensa.

Pedrada, foi a primeira e última coisa em que pensou. Assim que ela entrou no quarto, aos tropeções, ele abriu os olhos e viu que acertara em cheio.

Arranjara-se toda para a visita, reparou. O cabelo amarelo estava apanhado e a laca tratara de o manter submisso, e também aplicara a maquilhagem completa. Por baixo de tudo aquilo, era possível que fosse uma bela mulher, mas a máscara era espessa e dura. Tinha um bom corpo, que era o que ainda a mantinha no activo. Para *strippers* que fazem biscates na prostituição é essencial uma boa embalagem. Vestia um *top* sem costas e *jeans*, caminhando na direcção da cama ao som dos saltos de oito centímetros.

— Quem é que achas que vai pagar esta porcaria? Só me dás trabalho.

— Olá, mãe, que bom ver-te também.

— Não comeces com coisas. A polícia foi bater-me à porta por tua causa. Já estou farta. — lançou um olhar aos homens, um de cada lado da cama. Tal como o filho, percebeu que eram polícias. — Ele já tem quase catorze anos. Já não posso aturá-lo. Desta vez, ele que não se vire para o meu lado. Não quero saber mais de polícias e assistentes sociais a meterem o nariz na minha vida.

Empurrou a enfermeira que apareceu para lhe agarrar no braço, e depois debruçou-se na cama. — Porque raio não morreste?

— Não sei — respondeu Phillip, calmo. — Tentei.

— Nunca prestaste para nada. — Assobiou para o Polícia Bom, assim que ele a puxou para trás. — Nunca prestou para nada. Não me apareças à procura de sítio para ficar, quando saíres daqui — gritou ela, enquanto a arrastavam dali para fora. — Estou farta de ti.

Phillip ficou à espera, a ouvi-la praguejar, gritar, a exigir papéis para assinar e, assim, ver-se livre dele. Depois, ergueu o olhar para o Polícia Mau.

— Acham que me metem medo? Sei viver com isso. Não há nada pior do que viver com isso.

Dois dias depois, estranhos entraram no quarto. O homem era enorme, de olhos azuis-brilhantes num rosto largo. A mulher tinha cabelo ruivo indomável que fugia de um puxo aninhado na nuca, e um rosto salpicado de sardas. A mulher pegou na ficha dele aos pés da cama, analisou-a e bateu-a de encontro à palma da mão.

— Olá, Phillip. Sou a Dra. Stella Quinn. Este é o meu marido, Ray.

— Sim, e depois?

Ray puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se, com um suspiro prazenteiro. Inclinou a cabeça, estudando Phillip por instantes. — Estás metido numa grandessíssima alhada, não estás? Queres ver-te livre dela?

Phillip desapertou o nó *Windsor* da gravata *Fendi*. Era um longo percurso, de Baltimore até à Costa Leste de Maryland, e tinha programado o leitor de CDs nesse sentido. Começou com algo bem suave, ao som de *Tom Petty and the Heartbreakers*.

O trânsito de quinta-feira à noite estava mau como de costume, e piorou ainda mais devido à chuva mole e aos curiosos, que não resistiam a uma espreitadela demorada e fascinada ao acidente que envolvera três carros na Circular de Baltimore.

Quando, por fim, virou para sul na Estrada 50, nem mesmo os acordes quentes dos velhinhos *Stones* o conseguiram animar.

Trouxera trabalho para fazer e, de certa forma, tinha de arranjar tempo para a conta da Pneus Myerstone durante o fim-de-semana. Queriam uma imagem totalmente nova para uma campanha publicitária. *Pneus felizes fazem condutores felizes*, pensava Phillip, tamborilando os dedos no volante, ao som da guitarra marginal de Keith Richards.

Era uma bela treta, decidiu. Ninguém ficava feliz, a conduzir no meio da chuva, no trânsito à hora de ponta, por melhor que fosse a borracha que lhe revestia as rodas.

Mas ele lembrara-se de algo que ia pôr os consumidores a pensar que conduzir com Myerstones, torná-los-ia felizes, seguros e sensuais. Era o seu trabalho, e era bom no que fazia.

Bom o suficiente para gerir quatro contas importantes, supervisionar o andamento de seis mais pequenas e sempre sem revelar qualquer esforço, ao percorrer os corredores lustrosos da Innovations, a empresa publicitária de renome onde trabalhava. Uma empresa que primava pelo estilo, a exuberância e a criatividade dos seus executivos.

Não lhe pagavam para que suasse.

Todavia, sozinho, já não era bem assim.

Sabia há meses que andava a queimar os últimos cartuchos. Com um ligeiro golpe do destino, deixara de viver para Phillip Quinn para se perguntar o que teria acontecido ao seu estilo de vida urbano, feliz e nómada.

A morte de seu pai, há apenas seis meses, virara-lhe a vida do avesso. A vida que Ray e Stella Quinn tinham endireitado há dezassete anos. Entraram naquele quarto de hospital medonho e ofereceram-lhe uma oportuni-

dade e uma opção. Aproveitara a oportunidade, por ser esperto o bastante para perceber que não tinha opção.

Voltar para a rua deixara de ser tão apelativo, desde que o seu peito fora perfurado pelas balas. Viver com a mãe deixara de ser uma hipótese, até mesmo se ela mudasse de ideias e o deixasse voltar para o apartamento minúsculo nos subúrbios de Baltimore. A Assistência Social estava a analisar a situação a fundo, e ele sabia que mal se pusesse de pé, cairia novamente nas malhas do sistema.

Não fazia intenções de voltar a alinhar no sistema, nem de voltar a viver com a mãe, nem sequer de ir parar à sarjeta. Já se decidira quanto a isso. Achava que a única coisa de que precisava era de ganhar tempo para engendrar um plano.

De momento, esse tempo era suavizado pelas drogas fantásticas que nem se dera ao trabalho de comprar ou roubar. Mas imaginava que aquela pequena benesse tinha fim à vista.

Com o *Demerol* a fluir-lhe pelo organismo, lançou uma olhadela prudente aos Quinn, assumindo que se tratava de um casal maluco, sem mais o que fazer. Por ele, tudo bem. Se queriam armar-se em samaritanos, oferecer-lhe um sítio para ficar até se sentir a cem por cento, problema deles. Melhor para si.

Disseram que tinham uma casa na Costa Leste, o que para um rapaz dos subúrbios ficava na outra metade do mundo. Mas imaginava que uma mudança de cenário lhe faria bem. Tinham dois filhos quase da mesma idade dele. Phillip decidiu que não tinha de se preocupar com um par de parvalhões que os samaritanos tinham criado.

Disseram-lhe que tinham regras, e que a educação era uma prioridade. Para ele, a escola não era uma delas. Haveria de pensar nisso, se decidisse ir com eles.

Nada de droga. Afirmou Stella, naquela voz gelada, que obrigou Phillip a reavaliá-la, ao assumir uma expressão angélica, para responder um cordial *Não, senhora.* Não tinha dúvidas de que, quando precisasse de um chuto, haveria de encontrar um fornecedor, até mesmo numa cidadezinha de merda na Baía.

Depois, Stella debruçou-se na cama, de olhar franzido, a boca num sorriso fino.

O teu rosto parece saído de uma pintura da Renascença. Mas isso não faz de ti menos ladrão, vadio e mentiroso. Vamos ajudar-te, se quiseres a nossa ajuda. Mas não nos trates como imbecis.

E Ray soltou a sua gargalhada enorme e estridente. Apertou o ombro de Stella e de Phillip ao mesmo tempo. *Seria interessante,* lembrava-se Phillip de o ter ouvido afirmar, assistir aos dois à cabeçada nos primeiros tempos.

Nas duas semanas seguintes, eles voltaram imensas vezes. Phillip falava com eles e com a assistente social, que se revelara muito mais fácil de enganar do que os Quinn.

Acabaram por o levar do hospital para casa, a linda casinha branca à beira da água. Conheceu os filhos deles, analisando a situação em que se encontrava. Quando soube que os outros rapazes, Cameron e Ethan, tinham passado pelo mesmo que ele, teve a confirmação de que eram todos lunáticos.

Decidiu esperar pelo momento certo. Para uma médica e um professor universitário, não tinham acumulado muitos objectos de valor e fáceis de roubar. Mas já fagara o que valia a pena.

Em vez de os roubar, apaixonou-se por eles. Ficou com o apelido e passou os dez anos seguintes na casa à beira da água.

Depois, Stella morreu, e parte do seu mundo desabou. Ela tornara-se na mãe que não acreditava que existisse. Firme, forte, amorosa e sensata. Chorou a morte dela, a primeira perda real que sofrera na vida. Enterrou grande parte desse desgosto com trabalho, tentando a todo o custo entrar na universidade, a caminho de uma carreira de sucesso e de um laivo de sofisticação — bem como de um lugar básico na Innovations.

Mas não tinha intenções de ficar na mó de baixo por muito tempo.

Conseguir o lugar na Innovations, em Baltimore, fora um pequeno triunfo pessoal. Ia voltar à cidade que só lhe trouxera desgraças, mas ia voltar como um homem de bom gosto. Ninguém que visse o homem de fato feito à medida podia suspeitar de que outrora fora um ladrão astuto, um traficante de droga de ocasião e por vezes até prostituto.

Tudo o que conseguira nos últimos dezassete anos podia remontar àquele momento em que Ray e Stella Quinn entraram no seu quarto de hospital.

Até que, subitamente, Ray morreu, deixando sombras suspensas que a luz ainda não tinha dissipado. O homem que Phillip amara tão incondicionalmente, como um filho podia amar um pai, perdera a vida numa estrada deserta em plena luz do dia, quando o carro que conduzia fora embater num poste telefónico, a alta velocidade.

Vira-se noutra quarto de hospital. Desta vez, era o Poderoso Quinn que estava desfeito na cama, auxiliado pelas máquinas. Phillip, juntamente com os irmãos, prometeu tomar conta e criar o último dos indigentes de Ray Quinn, outro menino perdido.

Mas este rapaz tinha segredos e fitava-o com os olhos de Ray.

O falatório na zona costeira e nos arredores da pequena cidade de S. Cristóvão, na Costa Leste de Maryland, apontava para adultério, suicídio, escândalo. Nos seis meses que se seguiram ao início dos boatos, Phillip

achava que nem ele, nem os irmãos, se encontravam mais perto de descobrir a verdade. Quem era Seth DeLauter e o que representara para Ray Quinn?

Outro indigente? Outro adolescente, afogado num mar sombrio de negligências e violência, que precisava tão desesperadamente de um fio condutor na vida? Ou seria mais do que isso? Um Quinn de sangue, além de circunstancial?

A única coisa que Phillip sabia era que Seth, de dez anos, era seu irmão, tanto quanto Cam e Ethan o eram. Todos tinham sido resgatados de um pesadelo e tido a oportunidade de mudar de vida.

Com Seth, Ray e Stella não estavam presentes para manter as opções em aberto.

Havia uma parte de Phillip, uma parte que vivera dentro de um jovem e descuidado ladrão, que se ressentia da mera possibilidade de Seth ser mesmo filho de sangue de Ray, um filho concebido no adultério e abandonado devido à vergonha. Seria uma traição a tudo o que os Quinn lhe tinham ensinado, a tudo o que lhe haviam mostrado, ao viverem como tinham vivido.

Detestava-se só de pensar nisso, por saber que de vez em quando olhava para Seth com uma expressão fria e desconfiada, imaginando se a existência do rapaz seria a causa da morte de Ray Quinn.

Sempre que aquele pensamento desagradável lhe vinha à cabeça, Phillip transferia a imagem para Gloria DeLauter. A mãe de Seth era a mulher que acusara o professor Quinn de assédio sexual. Alegava que acontecera há alguns anos, quando estudava na universidade. Mas não havia qualquer registo de ela ter sequer frequentado as aulas.

A mesma mulher vendera o filho de dez anos a Ray, como se fosse uma embalagem de carne. A mesma mulher, Phillip tinha a certeza, que Ray fora ver a Baltimore antes de conduzir de regresso a casa — num caminho para a morte.

Ela desaparecera. Há semanas, havia enviado aos Quinn uma carta de chantagem nada subtil: se querem ficar com o miúdo, preciso de mais. Phillip cerrava o maxilar, quando se lembrava do medo visceral no rosto de Seth ao receber a notícia.

Não ia pôr a vista em cima do miúdo, convencencia-se ele. Ela ia descobrir que os irmãos Quinn eram mais duros de roer do que um velhote de coração mole.

Agora, já não era só um assunto dos irmãos Quinn, pensava ele, ao virar para a estrada de campo que o haveria de levar até casa. Pensava na família, ao mesmo tempo que conduzia com rapidez pela estrada ladeada de campos de soja, ervilhas e milho, que crescia mais alto do que um ho-

mem. Agora que Cam e Ethan tinham casado, Seth também ganhara duas mulheres determinadas para o apoiar.

Casados. Phillip abanava a cabeça, divertido com a ideia. Quem haveria de pensar? Cam sucumbira aos encantos da assistente social atraente, e Ethan casara com a Grace de olhos doces. *Fora pai num ápice*, recordava Phillip, *da angelical Aubrey*.

Ainda bem para eles. Na verdade, tinha de admitir que Anna Spinelli e Grace Monroe tinham sido feitas à medida para os seus irmãos. Só iria fortalecê-los mais enquanto família, quando chegasse a altura da audiência de atribuição da custódia permanente de Seth. E sem dúvida que se estavam a dar bem com o casamento. Apesar de a própria palavra ainda lhe dar arrepios.

Para si, Phillip preferia a vida de solteiro e todas as vantagens inerentes. Não que tivesse tido muito tempo para aproveitar ao máximo essas vantagens nos últimos meses. Os fins-de-semana em S. Cris, a supervisionar os trabalhos de casa, a tratar dos cascos dos Barcos dos Quinn, a despachar a papelada do novo negócio, a ir às compras — sem saber como, tudo ficara a seu cargo — limitavam o estilo de vida de um homem.

Prometera ao pai no seu leito de morte que tomaria conta de Seth. Fez um pacto com os irmãos em que prometia voltar a viver na Costa, para partilhar a tutela e as responsabilidades. Para Phillip, esse pacto significava que tinha de dividir o tempo entre Baltimore e S. Cristóvão, bem como as energias entre manter a carreira — e o vencimento — e cuidar de um irmão novo e algo problemático, bem como de um novo negócio.

Era tudo um risco. Educar um rapaz de dez anos sem dores de cabeça nem erros grosseiros, na melhor das circunstâncias, imaginava ele. Seth DeLauter, criado por uma prostituta em *part-time*, drogada a tempo inteiro, e chantagista amadora, dificilmente sabia quais eram as melhores circunstâncias.

Erguer um negócio de construção naval implicava uma quantidade de pormenores e de trabalho extenuante. Contudo, sem saber como, estava a funcionar, e se não levasse em consideração o tempo e a energia que tudo lhe exigia, estava a correr bastante bem.

Num passado recente, os seus fins-de-semana eram passados na companhia de uma quantidade de mulheres atraentes, interessantes, a jantar num qualquer sítio da moda, o serão passado no teatro ou num concerto, e se a química estivesse de feição, um calmo pequeno-almoço tardio de domingo na cama.

Haveria de voltar a essa vida, prometia Phillip, assim que arrumasse todos os pormenores, teria a sua vida de volta. Mas, como o pai lhe diria, nos próximos tempos...

Virou na entrada para os carros. A chuva cessara, deixando uma película de água sobre as folhas e a erva. O crepúsculo começava a instalar-se. Conseguia ver a luz na janela da sala de estar a reluzir, que o recebia de forma terna e segura. Algumas das flores de Verão que Anna cuidara haviam perdurado, e os precoces botões de Outono cintilavam entre as sombras. Conseguia ouvir o cãozinho a ladrar, apesar de em nove meses o Tolinho ter crescido tanto, que quase já não se podia conceder-lhe esse diminutivo.

Lembrou-se de que era a noite de Anna cozinhar. Graças a Deus. Era sinal que se ia servir uma refeição a sério em casa dos Quinn. Girou os ombros, pensou em beber um copo de vinho, e ficou a ver Tolinho a correr à volta da casa, a perseguir uma bola de ténis amarela de aspecto miserável.

A imagem de Phillip a sair do carro, obviamente distraiu o cão da brincadeira. Estacou de imediato e desatou a ladrar desalmadamente, assustado.

— Idiota. — Mas sorria, enquanto tirava a pasta do *Jeep*.

Ao ouvir a voz familiar, o ladrar transformou-se em alegria descontrolada. Tolinho acorreu a saltar-lhe para cima, com um olhar maravilhado e as patas molhadas e enlameadas. — Não saltes! — gritava Phillip, usando a pasta como escudo. — Não estou a brincar. Senta-te!

Tolinho estremeceu, mas deixou cair o traseiro no chão e deu-lhe a pata. A língua pendurada, os olhos reluzentes. — Que cão mais lindo. — Cautelosamente, Phillip sacudiu a pata imunda e coçou as orelhas macias do cão.

— Hei. — Seth apareceu no pátio. Envergava uns *jeans* sujos, de brincar com o cão, usava o boné de basebol de esguelha, deixando rebelde o cabelo liso, cor de palha. O sorriso, reparava Phillip, surgiu bem mais depressa e mais fácil do que há uns meses atrás. Mas ostentava um espaço vazio.

— Hei. — Phillip bateu com o dedo na pala do boné. — Perdeste alguma coisa?

— Huh?

Phillip bateu com os dedos nos seus dentes, brancos e perfeitos.

— Oh, sim. — Com um encolher de ombros típico dos Quinn, Seth sorriu, enfiando a língua no espaço. O seu rosto estava agora mais redondo do que há seis meses, e os olhos menos circunspectos. — Estava a abanar. Tive de lhe dar um puxão, há uns dias. Sangrou como a merda.

Phillip nem se deu ao trabalho de suspirar, devido à linguagem usada por Seth. Certas coisas, concluiu, não deviam ser problema dele. — Então, a Fada dos Dentes trouxe-te alguma coisa?

— Por favor.

— Hei, se não extorqueres uma nota ao Cam, não és meu irmão, não és nada.

— Cravei dois dólares. Um a Cam e outro a Ethan.

Rindo, Phillip passou o braço por cima dos ombros de Seth e caminhou na direcção de casa. — Bom, a mim é que não enganas. Já te topei. Como é que correu a primeira semana de aulas a sério?

— Uma seca. — Apesar de não ser verdade, admitia Seth em silêncio. Fora interessante. A tralha toda que Anna fora com ele comprar. Lápis afiados, cadernos novos, canetas cheias de tinta. Recusara a lancheira dos *Ficheiros Secretos* que ela lhe quisera oferecer. Só um pacóvio é que andava com uma lancheira na escola preparatória. Mas tinha achado porreiro e muito à frente gozar com aquilo.

Tinha roupa nova e ténis bem fixes. O melhor de tudo era que, pela primeira vez na vida, estava no mesmo sítio, na mesma escola, com as mesmas pessoas desde Junho.

— Trabalhos de casa? — perguntou Phillip, levantando as sobrancelhas, ao abrir a porta da frente.

Seth revirou os olhos. — Pá, será que não pensas em mais nada?

— Puto, eu vivo para os trabalhos de casa. Especialmente, se forem os teus. — O Tolinho entrou de rompante pela porta, à frente de Phillip, quase derrubando-o de entusiasmo. — Ainda tens de fazer uns certos trabalhos de casa com aquele cão. — Mas a ligeira irritação desvaneceu-se num instante. Conseguia cheirar o molho de tomate de Anna no ponto, como ambrósia no ar. — Deus nos abençoe a todos — murmurou.

— *Manicotti* — informou Seth.

— A sério? Trouxe um *Chianti* que andava a guardar para uma ocasião destas. — Atirou a pasta para o lado. — Depois de jantar, tratamos dos estudos.

Encontrou a cunhada na cozinha, a encher tubos de massa com queijo. As mangas da blusa branca frisada que vestira para ir trabalhar estavam arregaçadas, e um avental branco de talhante tapava-lhe a saia azul-marinho. Descalçara os sapatos de salto alto e batia os pés ao ritmo da ária que trauteava. *Carmen*, reconheceu Phillip. A sua maravilhosa cabeleira de caracóis negros ainda se encontrava presa no alto da cabeça.

Piscando o olho a Seth, Phillip apareceu por trás dela, agarrando-a pela cintura e depositou-lhe um beijo sonoro no alto da cabeça. — Foge comigo. Podemos mudar de nome. Podes ser a Sophia e eu o Carlo. Deixa-me levar-te ao paraíso, onde podes cozinhar para mim, e mais ninguém. Nenhum destes campónios te dá valor como eu.

— Deixa-me só terminar este tubo, Carlo, que vou já fazer a mala.

— Virou a cabeça, os olhos negros italianos a sorrir. — O jantar está pronto em meia hora.

— Vou abrir o vinho.

— Não podemos comer qualquer coisa agora? — indagou Seth.

— Tens *antipasto* no frigorífico — informou ela. — Vai lá buscá-lo.

— São só vegetais, e coisas dessas — queixou-se Seth, ao pegar na travessa.

— Pois.

— Chiça.

— Lava as mãos sujas do cão antes de começares a comer.

— A saliva dos cães é mais limpa do que a das pessoas — informou Seth. — Li que se outra pessoa te der uma dentada é pior do que se fores mordida por um cão.

— Que maravilha, agora estou muito mais esclarecida. Vai lá lavar a baba do cão das mãos.

— Bolas. — Contrariado, Seth acedeu, com Tolinho sorrateiro na sua peugada.

Phillip escolheu o vinho de uma pequena reserva que mantinha na despensa. Bons vinhos eram uma das suas paixões, e o seu palato era extremamente refinado. O seu apartamento em Baltimore ostentava uma selecção dispendiosa e escolhida com apurmo, que mantinha num armário que remodelara especificamente para esse propósito.

Na Costa, as suas amadas garrafas de *Bordeaux* e *Burgundy* faziam companhia a bolachinhas de arroz e a caixas de gelatina instantânea *Jell-O*.

Aprendera a viver com isso.

— Como foi a tua semana? — perguntou a Anna.

— Atarefada. Quem disse que as mulheres podem ter tudo, devia ser fuzilado. Gerir uma carreira e uma família não é pêra-doce. — Depois, olhou para cima com um sorriso brilhante. — Estou a adorar.

— Vê-se. — Tirou a rolha com mestria, cheirou e aprovou, para depois pousar a garrafa em cima do balcão, para respirar. — Onde está o Cam?

— Deve estar a chegar do estaleiro. Ele e o Ethan deixaram-se ficar a fazer mais umas horas. O primeiro Barco dos Quinn está acabado. O proprietário chega amanhã. Está acabado, Phillip. — O sorriso dela cintilava, brilhante e reluzente de orgulho. — Está na doca, amarado e simplesmente maravilhoso.

Ele sentiu uma certa desilusão, por não ter lá estado no último dia. — Devíamos abrir um champanhe.

Anna ergueu o sobrolho, ao estudar o rótulo da garrafa de vinho. — Uma garrafa de *Folonari*, Ruffino?

Achava que uma das maiores qualidades de Anna, era ser grande apreciadora de bom vinho. — De setenta e cinco — disse ele com um sorriso rasgado.

— Não me vais ouvir a queixar. Parabéns, Sr. Quinn, pelo seu primeiro barco.

— Não fui eu que fiz negócio. Eu só trato dos pormenores e passo para o trabalho escravo.

— É claro que fizeste negócio. Os pormenores são necessários, e nem o Cam nem o Ethan conseguem tratar deles com a tua sensibilidade.

— Acho que a palavra que eles usam é «resmungue».

— Eles precisam de alguém que resmungue. Devias estar orgulhoso do que os três conseguiram nos últimos meses. Não só do novo negócio, mas da família. Cada um abdicou de algo importante por causa de Seth. E cada um recebeu uma coisa importante também.

— Nunca pensei que o miúdo fosse tão importante. — Enquanto Anna cobria de molho os tubos recheados, Phillip foi abrir o armário para tirar os copos de vinho. — Ainda tenho momentos em que fico pior que estragado.

— É natural, Phillip.

— Não me sinto melhor por saber disso. — Encolheu os ombros, esquecendo, e serviu dois copos. — A maior parte das vezes, olho para ele e penso que é uma maravilha, enquanto irmão mais novo.

Anna ralou queijo para dentro da caçarola. Do canto do olho, conseguiu ver Phillip a erguer o copo, apreciando o aroma. *Ele era lindo de se ver*, pensou ela. Fisicamente, estava tão perto da perfeição masculina quanto podia imaginar. Cabelo acobreado, espesso e farto, olhos mais dourados do que castanhos. O seu rosto era longo, estreito, pensativo. Sensual e celestial. A sua constituição alta e bem definida parecia ter sido esculpida para fatos italianos. Mas desde que o vira em tronco nu, envergando umas *Levis* gastas, sabia que nele não havia nada de brando.

Sofisticado, duro, erudito, subtil. *Um homem interessante*, pensava.

Colocou a caçarola no forno, para de seguida pegar no vinho. Sorrindo, brindou com o copo dele. — Tu também és uma maravilha, Phillip, para irmão mais velho.

Inclinou-se para o beijar ao de leve, ao mesmo tempo que Cam entrava.

— Afasta essa boca da minha mulher.

Phillip limitou-se a sorrir e passou o braço à volta da cintura de Anna. — Foi a dela que começou. Gosta de mim.

— Mas gosta mais de mim. — Para o provar, Cam enfiou a mão no laço do avental de Anna, fê-la girar para os seus braços, e beijou-a com ím-

peto. Sorriu, mordiscou-lhe o lábio inferior e deu-lhe uma palmada no rabo, amistosamente. — Não gostas, doçura?

Ela ainda sentia a cabeça a andar à roda. — Provavelmente. — Soltou um suspiro. — Vendo bem as coisas. — Mas acabou por se soltar. — Estás imundo.

— Só vim buscar uma cerveja para levar para o chuveiro. — Esguio e elegante, sombrio e perigoso, deambulando, foi até ao frigorífico. — E beijar a minha mulher — acrescentou, com uma expressão presunçosa para Phillip. — Trata de arranjar uma mulher para ti.

— E tempo para isso? — indagou Phillip, sofredor.

Depois do jantar, e de uma hora passada a desbravar a grande divisão, as batalhas da Guerra da Independência e o vocabulário do sexto ano, Phillip instalou-se no quarto, com o portátil e os ficheiros.

Era o mesmo quarto que Ray e Stella lhe deram quando o levaram para casa. Nessa altura, as paredes eram de um verde-pálido. Mais ou menos na altura em que fez dezasseis anos, arranjou um penteado rebelde e pintou-as de magenta. Só Deus sabia porquê. Lembra-se de que a mãe — uma vez que Stella nessa altura já era a sua mãe — à primeira vista, avisou-o que haveria de sofrer de uma indigestão fatal.

Ele achava sensual. Durante cerca de três meses. Depois, mudou-as para um branco decidido por uns tempos, adornando-as com fotografias a preto e branco, em temperamentais molduras pretas.

Sempre à procura de uma certa atmosfera, pensava Phillip agora, divertido. Voltara àquele verde-claro um pouco antes de se mudar para Baltimore.

Talvez nunca as devesse ter mudado, imaginava. Os pais é que tinham razão.

Deram-lhe aquele quarto, naquela casa, naquele sítio. Não lhes facilitara a vida. Os primeiros três meses decorreram num conflito de temperamentos. Afundava-se em drogas, provocava brigas, roubava álcool e entrava em casa bêbedo, de madrugada.

Era evidente para ele agora que os andara a testar, desafiando-os a pô-lo na rua. A mandá-lo de volta. *Força*, pensara ele. Não têm estofos para mim.

Mas tinham. Não só tiveram estofos, como fizeram dele o que era.

Gostava de saber, Phillip, comentara o pai com ele, *porque é que insistes em desperdiçar uma boa cabeça e um bom corpo. Porque é que queres que os imbecis levem a melhor.*

Phillip, que sofria de maus fígados e tinha a cabeça feita num oito, devido à ressaca de drogas e álcool, não ligou nenhuma.

Ray levou-o a dar uma volta de barco, alegando que um belo passeio lhe ia aclarar as ideias. Sentindo-se abaixo de cão, Phillip debruçou-se na amurada e vomitou os restos dos tóxicos que havia tomado na noite anterior.

Acabara de fazer catorze anos.

Ray atracou o barco num pequeno estreito. Agarrou na cabeça de Phillip, limpou-lhe a cara e depois ofereceu-lhe uma lata fresca de *ginger ale*.

— Senta-te.

Mais do que sentar-se, desmoronou-se. Tremiam-lhe as mãos, o estômago revoltado ao sorver o primeiro golo da lata. Ray estava sentado à sua frente, as mãos grandes sobre os joelhos, o cabelo prateado a esvoaçar na brisa suave. E aqueles olhos, aqueles olhos azuis-brilhantes, uniformes e pensativos.

— Já tiveste uns meses para te habituares às coisas por aqui. A Stella diz que recuperaste fisicamente. És forte e bastante resistente, mas sabes que isso vai acabar se continuares a viver assim.

Franziu os lábios, ficando alguns momentos em silêncio. Viu uma garça-real na erva alta, imóvel como num quadro. O ar estava límpido e sentia-se o fresco do Outono tardio, as árvores nuas de folhas, abrindo o cenário para o céu azul-escuro que se espalhava no horizonte. O vento afagava a erva e deslizava sobre a água.

O homem permanecia sentado, aparentemente satisfeito com o silêncio e o cenário. O rapaz tinha o corpo encurvado, o rosto pálido e o olhar perdido.

— Podemos fazer isto de muitas formas, Phil — disse Ray, por fim. — Podemos ser lixados. Podemos dar-te rédea curta, controlar-te a toda a hora e desancar-te sempre que fazes asneira. O que está sempre a acontecer.

Pensativo, Ray pegou numa cana de pesca e, distraído, começou a colocar uma goma como isco. — Ou podemos admitir que esta pequena experiência não correu bem e voltas para o sistema.

O estômago de Phillip começou às voltas, obrigando-o a engolir para não expelir aquilo que não reconhecia como medo. — Não preciso de vocês. Não preciso de ninguém.

— Precisas, sim — disse Ray, meigo, ao mesmo tempo que deitava a linha à água. Brotou uma ligeira ondulação, interminável. — Voltas para o sistema e ficas lá. Daqui a uns anos, deixa de ser a casa de correcção. Vais acabar numa cela com os maus da fita, o tipo de gente que é capaz de engrajar com essa tua carinha linda. Um presidiário de dois metros com mãos de presunto fumado, um belo dia vai-te agarrar no chuveiro e fazer de ti sua namorada.

Phillip ansiava desesperado por um cigarro. A imagem conjurada pelas palavras de Ray fez-lhe brotar suores frios na testa. — Sei tomar conta de mim.

— Filho, vais rodar que nem canapés, sabes bem disso. Tens muita lábia e não te ficas numa luta, mas há certas coisas inevitáveis. Até agora, a tua vida tem sido uma bela porcaria. Não és responsável por isso. Mas és responsável pelo que aconteça daqui para a frente.

Voltou a cair no silêncio, prendendo a cana entre as pernas para agarrar numa lata fresca de *Pepsi*. Sem pressas, Ray abriu-a, inclinou-a e bebeu.

— Eu e a Stella achávamos que tínhamos visto algo em ti — continuou. — Ainda achamos — acrescentou, voltando a olhar para Phillip. — Mas se não chegares à mesma conclusão, não vamos a lado nenhum.

— O que é que isso te interessa? — ripostou Phillip, miseravelmente.

— Agora, é difícil dizer. Talvez não valhas a pena. Talvez acabes na rua, a assediar gente e a montar esquemas.

Há três meses que tinha uma cama decente, refeições regulares e todos os livros que conseguia ler — uma das suas paixões secretas — à sua disposição. Só de pensar em perder tudo sentiu um nó na garganta, mas limitou-se a encolher os ombros. — Hei-de safar-me.

— Se a única coisa que queres é safares-te, a escolha é tua. Aqui, podes ter uma casa, uma família. Podes ter uma vida decente e fazer alguma coisa dela. Ou podes continuar na mesma.

Num ádice, Ray estendeu a mão para Phillip, e o rapaz preparou-se para o golpe, cerrando os punhos para ripostar. Mas Ray apenas levantou a camisa de Phillip, para ver as cicatrizes nítidas que tinha no peito. — Podes regressar a isto — disse, em voz baixa.

Phillip olhou bem fundo nos olhos de Ray. Viu compaixão e esperança. E viu-se reflectido, a sangrar numa valeta imunda, numa qualquer rua, onde a vida não valia um tostão furado.

Doente, cansado e aterrorizado, Phillip deixou cair a cabeça sobre as mãos. — O que é que isso importa?

— Tu és importante, filho. — Ray passou a mão sobre o cabelo de Phillip. — O importante és tu.

As coisas não mudaram da noite para o dia, pensava Phillip agora. Mas começaram a mudar. Os pais fizeram-no acreditar em si próprio, apesar de tudo. Tornou-se numa questão de honra ter boas notas na escola, aprender, reinventar-se como Phillip Quinn.

Imaginava que se tinha saído muito bem. Polira aquele miúdo de rua com um toque de classe. Tinha uma boa carreira, um apartamento bem

localizado com uma vista magnífica do Porto de Abrigo, e um guarda-fatos que fazia jus a ambos.

Parecia um ciclo que voltara ao início, passando os fins-de-semana no quarto de paredes verdes e mobília robusta, as janelas que davam para as árvores e o pântano.

Mas nesta altura, o mais importante era Seth.

Phillip estava no convés do, ainda por baptizar, *Senhora de Neptuno*. Pessoalmente, suara quase duas mil horas de trabalho braçal a passá-lo do desenho para a chalupa acabada. Os seus conveses reluziam, os acabamentos cintilavam sob o Sol amarelo de Setembro.

Nos conveses inferiores, a cabina era o orgulho de qualquer mestre calafate, Cam, por sinal, supunha Phillip. Armários polidos feitos de madeira natural, trabalhada à mão e feita à medida, com quartos para quatro amigos íntimos.

Era sólido, pensava ele, e uma beldade. Esteticamente charmoso, de casco fluido, conveses brilhantes e uma imensa linha de água. A decisão precoce de Ethan em usar o método artesanal de calafetagem dera muito mais trabalho, mas tivera um resultado primoroso.

O quiropodista de Washington ia pagar bem cada centímetro dele.

— Bom...? — Ethan, de mãos nos bolsos dos *jeans* desbotados, olhar franzido mas confortavelmente virado para o sol, deixou a pergunta em aberto.

Phillip passou a mão pelo acabamento de verniz que cobria a amurada, uma zona em que suara bastante a polir e a dar retoques. — Merece um nome menos cliché.

— O proprietário tem mais dinheiro do que imaginação. É rápido como o vento. — Os lábios de Ethan curvaram-se num dos seus sorrisos lentos e sérios. — Cristo Santíssimo, é mesmo, Phil. Quando eu e o Cam o experimentámos, fiquei sem saber se ele o ia trazer de volta. Nem sabia se queria que o fizesse.

Phillip esfregou o polegar pelo queixo. — Tenho um amigo em Baltimore que pinta. Costuma fazer só coisas comerciais, para hotéis e restaurantes. Mas por fora, costuma fazer coisas fantásticas. Sempre que vende um quadro, fica danado. Detesta desfazer-se da tela. Nunca percebi o que ele sentia, até agora.

— E é só o primeiro.

— Mas não o último. — Phillip não estava à espera de ficar tão apegado. O negócio da construção naval não fora ideia sua, muito menos opção. Gostava de pensar que os irmãos o haviam arrastado. Avisara-os que seria uma loucura, ridículo, que estava destinado ao fracasso.

Depois, é claro, mergulhara de cabeça e negociara o aluguer do edifi-

cio, solicitara as licenças, encomendara as ferramentas necessárias. Durante a construção do que haveria de tornar-se o *Senhora de Neptuno*, arrancara farpas dos dedos, tratara de queimaduras do creosoto quente, refrescara os músculos que escorriam, depois de horas a levantar pranchas. E não sofrera em silêncio.

Mas aquele resultado tangível de muitos meses de trabalho, a balouçar graciosamente sob os seus pés, tinha de admitir que fazia com que tudo tivesse valido a pena.

Agora iam começar tudo outra vez.

— Tu e o Cam já começaram a meter mãos ao trabalho no próximo projecto.

— Queremos ter o casco pronto para virar no final de Outubro. — Ethan tirou um lenço e poliu metodicamente as dedadas de Phillip da amurada. — Se quisermos cumprir o prazo maluco que nos arranjaste. E ainda quero dar um jeitinho neste.

— Neste? — De olhos franzidos, Phillip puxou os óculos de Sol *Wayfarer* para baixo. — Bolas, Ethan, disseste que estava pronto para entrega. O proprietário vem cá hoje buscá-lo. Ia agora mesmo para dentro, tratar das últimas papeladas.

— Só falta um pequeno pormenor. Temos de esperar pelo Cam.

— Que pequeno pormenor? — Impaciente, Phillip olhou para o relógio. — O cliente deve estar a chegar.

— É rápido. — Ethan acenou na direcção das portas de carga do edifício. — Lá vem o Cam.

— É bom de mais para aquela besta, — gritou Cam, enquanto descia pela doca estreita com uma broca a pilhas na mão. — Digo-vos que devíamos ir buscar as mulheres e as crianças e fugir com ele para Bimini.

— Também serve para o encaixe final que nos vai dar hoje. Assim que ele me der aquele cheque traçado, é ele o comandante. — Phillip esperou até Cam entrar a bordo, com destreza. — Assim que chegar a Bimini não vos quero ver mais à frente.

— Só está com ciúmes porque nós somos casados — disse Cam a Ethan. — Toma. — Enfiou a broca na mão de Phillip.

— Que raio é que queres que faça com isto?

— Acaba-o. — Sorrindo, Cam tirou uma bucha do bolso de trás. — Guardámos o último retoque para ti.

— A sério? — Absurdamente emocionado, Phillip pegou na bucha, vendo como brilhava ao sol.

— Começámo-lo juntos — lembrou Ethan. — Pareceu-nos justo. Tens de a pôr a estibordo.

Phillip pegou nos parafusos que Cam lhe entregou e debruçou-se nas

marcações, junto à amurada. — Acho que devíamos festejar a seguir. — A broca girou-lhe nas mãos. — Estava a pensar numa garrafa de *Dom* — comentou, levantando a voz por causa do barulho —, mas imaginei que seria um desperdício com vocês. Por isso, deixei três *Harps* na geleira.

Ia correr tudo bem, pensou ele, com a pequena surpresa que pediu que entregassem mais para o final da tarde.

Já era quase meio-dia, quando o cliente acabou de inspeccionar cada milímetro do novo barco. Ethan fora eleito o homem para o passeio experimental, antes de rebocarem a chalupa para o atrelado. Da doca, Phillip observava as velas amarelas cor de manteiga — opção do cliente — encherem-se de vento.

Ethan tinha razão. Velejava lindamente.

A chalupa deslizava na direcção do mar alto, com uma inclinação de sonho. Imaginava que os turistas tardios iam parar para olhar, chamando a atenção uns dos outros para verem o lindo barco. Acreditava que não havia melhor publicidade do que um produto de qualidade.

— Vai acabar por virá-lo, quando sair sozinho pela primeira vez, — disse Cam, atrás dele.

— Claro. Mas vai-se divertir. — Deu a Cam uma palmada no ombro. — Vou redigir o contrato de venda.

O velho edifício de tijolo, que tinham alugado e remodelado como estaleiro, não ostentava demasiada maquinaria. O espaço maior era uma grande sala vazia com lâmpadas fluorescentes penduradas das vigas. As janelas eram pequenas e pareciam estar sempre cobertas de pó.

Ferramentas eléctricas, equipamento, bidões de resina *epoxy*, verniz e tinta primária estavam dispostos ao alcance da mão. A plataforma do sobrado estava agora ocupada pelo esqueleto do casco do barco de pesca desportiva feito por encomenda, que seria o seu segundo trabalho.

As paredes ostentavam tijolo picado e contraplacado em bruto. Subindo um lanço das escadas de ferro, encontrava-se uma sala exígua, sem janelas, que funcionava como escritório.

Apesar do tamanho e da localização, Phillip tinha-a organizado de forma meticulosa. A secretária de metal podia ter sido arranjada numa feira da ladra, mas estava um brinquinho. Sobre ela, predominava um calendário Resumo do Ano, o velho computador portátil, uma caixa de alimentação, duas linhas para o telefone/atendedor de chamadas e um suporte acrílico para canetas e lápis.

Disputando o espaço com a secretária havia dois armários arquivadores, uma fotocopiadora pessoal e um fax.

Instalou-se na cadeira e ligou o computador. A luz do telefone a piscar

chamou-lhe a atenção. Ao verificar as mensagens, percebeu que desligaram a chamada por duas vezes, e esqueceu o assunto.

Num instante, abriu o programa que criara para a empresa, e deu por si a sorrir, ao ver o logótipo da Barcos dos Quinn.

Podiam estar com uma mão à frente e outra atrás, pensava ele, enquanto inseria os dados da venda, mas não era preciso passarem essa imagem. Justificara o papel de grande qualidade como despesa publicitária. Imagens corporativas eram como uma segunda pele para ele. Criar estacionário, recibos, facturas era bastante fácil — apenas insistia que tivessem estilo.

Enviou o trabalho para a impressora, ao mesmo tempo que o telefone começou a tocar.

— Barcos dos Quinn.

Sentiu uma certa hesitação, depois a garganta de alguém a pigarrear. — Desculpe, foi engano. — A voz feminina abafada desapareceu num ápice.

— Não faz mal, querida — disse Phillip, para o som de chamada, ao puxar o contrato de venda impresso.

— Lá vai um homem feliz — comentou Cam uma hora depois, quando os três ficaram a ver o cliente afastar-se no carro, com a chalupa a reboque.

— Nós estamos mais ainda. — Phillip pegou no cheque que tinha no bolso e mostrou-o. — A ser descontado em equipamento, mão-de-obra, horas extraordinárias, material... — Voltou a dobrá-lo ao meio. — Bom, ganhámos o suficiente para as despesas.

— Tenta controlar o entusiasmo — murmurou Cam. — Tens um cheque de cinco algarismos nessa mãozinha impaciente. Vamos abrir umas cervejas.

— O grosso da receita tem de ser aplicado directamente no negócio, — avisou Phillip, assim que entraram. — Assim que chegar o tempo frio, a factura das despesas vai rebentar com o tecto. — Olhou de relance para o tecto lá no alto. — Literalmente. E para a semana temos o trimestre fiscal.

Cam tirou a carga da garrafa e deu-a ao irmão. — Cala-te, Phil.

— No entanto — continuou Phillip, ignorando-o —, este é um belo momento da história dos Quinn. — Ergueu a cerveja, batendo com a garrafa na de Cam e de Ethan. — Ao nosso médico dos pés, o primeiro de muitos clientes felizes. Que ele veleje bem e cure muitos joanetes.

— Que diga aos amigos para falarem com a Barcos dos Quinn — acrescentou Cam.

— Que navegue em Annapolis e se mantenha longe da minha parte da Baía — concluiu Ethan, abanando a cabeça.

— Quem é que quer vir almoçar? — indagou Cam. — Estou cheio de fome.

— A Grace fez sanduíches — informou Ethan. — Estão na minha geleira.

— Deus a abençoe.

— Talvez seja melhor almoçarmos depois. — Phillip ouviu o ruído de pneus na gravilha. — Parece que acaba de chegar aquilo por que esperávamos. — Foi até à rua, satisfeito por ver o camião das entregas.

O motorista debruçou-se da janela, guardando a pastilha elástica na bochecha. — Quinn?

— Exactamente.

— O que foste comprar? — Cam franziu o sobrolho para o camião, a pensar quanto daquele cheque novinho em folha teria ido ao ar.

— Uma coisa de que precisamos. Ele é capaz de precisar de uma ajuda.

— Tem muita razão — disparou o motorista, ao descer da cabina. — Foram precisos três homens para o carregar. Raios me partam, se o filho da mãe não pesa alguns noventa quilos.

Escancarou as portas traseiras. Estava deitado em cima de uma manta acolchoada. Tinha, à vontade, três metros de comprimento, um metro e oitenta de altura e cerca de quatro centímetros de grossura. Gravado a letras grossas, em carvalho tratado, viam-se as palavras *Barcos dos Quinn*. Uma imagem minuciosa de um esquife a velejar adornava o topo.

Alinhados no canto inferior, estavam os nomes Cameron, Ethan, Phillip e Seth Quinn.

— Mas que letreiro fantástico — conseguiu dizer Ethan, assim que encontrou as palavras.

— Peguei num esboço que Seth fez do esquife. Aquele que usámos para o logótipo do papel timbrado. Coloquei o desenho no computador, no trabalho. — Phillip esticou-se para passar o polegar pela borda do carvalho. — A empresa de letreiros fez um belo trabalho com a reprodução.

— Está fantástico. — Cam pousou a mão no ombro de Phillip. — Era um dos pormenores que nos faltava. O puto vai-se passar quando o vir.

— Coloquei-nos pela ordem em que aparecemos. Funciona alfabética e cronologicamente. Quis mantê-lo despojado e simples. — Recuou, deslizando as mãos para os bolsos, num reflexo inconsciente da postura dos irmãos. — Achei que combinava com o edifício e com o trabalho que aqui fazemos.

— Está ótimo — acenou Ethan. — Fica bem.

O motorista empurrou outra vez para o lado a pastilha elástica. — Bom, vão ficar aí a admirá-lo o dia todo, ou querem tirar esta bisarma do camião?

Era uma bela imagem, pensava ela. Três espécimes excepcionais do gênero masculino envolvidos em trabalhos manuais, numa tarde quente do início de Setembro. O edifício condizia bastante com eles. Era rude, o tijolo velho encontrava-se desmaiado e picado, os terrenos à volta eram bravios — mais ervas daninhas do que relva.

Três estilos diferentes, também. Um dos homens era moreno, de cabelo tão comprido que dava para prender num pequeno rabo-de-cavalo. Tinha *jeans* pretos, quase cinzentos do uso. Havia algo ligeiramente europeu no seu estilo. Ela decidiu que devia ser Cameron Quinn, o que ganhara fama nos circuitos de velocidade.

O segundo envergava botas de trabalho gastas que pareciam antigas. O cabelo queimado do sol caía do boné de basebol às riscas azuis. Movimentava-se de forma fluida e pegava na sua extremidade do letreiro sem esforço aparente. Devia ser Ethan Quinn, o marinheiro.

O que significava que o terceiro homem era Phillip Quinn, o executivo publicitário, que trabalhava numa empresa de renome em Baltimore. *Parecia ter uma aura dourada*, pensou ela. De *Wayfarers* e *Levis*, ponderou. Cabelo acobreado que devia ser uma satisfação para o seu cabeleireiro. Um corpo esguio e torneado que devia ser alvo de exercício regular no ginásio.

Interessante. Fisicamente não eram nada parecidos uns com os outros, e através da pesquisa que fizera, sabia que partilhavam o nome, mas não o sangue. Contudo, havia algo na expressão corporal, na forma como se moviam como equipa, que indicava que eram irmãos.

Ela queria apenas dar uma vista de olhos, uma breve e rápida avaliação ao edifício onde eles tinham instalado o negócio. Apesar de saber que, pelo menos, um deles estaria ali, já que atendera o telefone, não esperava encontrá-los lá fora, como grupo, de ter aquela oportunidade de os estudar.

Era uma mulher que apreciava o inesperado.

Sentia um tremor no estômago. Como vinha sendo hábito, respirou fundo três vezes, bem devagar, e girou os ombros para os descontraír. *Casual*, recordava ela. Não havia motivo para se sentir intimidada. Afinal de contas, a vantagem era sua. Conhecia-os, e eles não sabiam quem ela era.

Era um comportamento normal, decidiu, ao atravessar a rua. Uma pessoa que passava por ali e via três homens a trabalhar, para pendurarem um novo letreiro enorme, despertaria a curiosidade e o interesse. Em especial numa turista da vila que, por sinal, era o que ela parecia. Também era uma mulher solteira, e eles eram três homens muito atraentes. Também seria normal uma sedução inofensiva.

Ainda assim, quando chegou à porta do edifício, manteve a distância. Parecia uma tarefa difícil e precária. O letreiro estava preso com correntes pretas e grossas, atado com corda. Eles haviam posto em prática um método de elevação, com o executivo publicitário no telhado a guiar os irmãos, que estavam no chão a içá-lo. Encorajamento, praguejos e indicações eram proferidos com igual entusiasmo.

Certamente que havia uma imensa força muscular, observava ela, erguendo o sobrolho.

— Do teu lado, Cam. Dá-me mais um centímetro. Raios partam. — A grunhir, Phillip caiu de bruços e foi projectado a uma distância considerável, que a levou a suster a respiração e a esperar que a gravidade cumprisse o seu papel.

Mas ele conseguiu equilibrar-se, prendendo a corrente. Podia vê-lo a mexer os lábios, enquanto lutava por enrolar a corrente pesada num gancho grosso, mas não conseguia ouvir o que ele estava a dizer. Pensou que talvez fosse melhor assim.

— Já está. Mantenham-no firme — ordenou ele, levantando-se para atravessar com dificuldade as telhas para o outro lado. O sol reluzia no seu cabelo, acariciando-lhe a pele. Ela deu por si embasbacada. Tratava-se, concluiu ela, de um belo exemplo de pura beleza masculina.

Depois, debruçou-se novamente no beiral, para tentar agarrar a corrente e fixá-la onde devia. Praguejava sem parar. Quando se levantou, franziu a testa ao olhar para a sua camisa com um enorme rasgão no peito, que ela imaginara se prendera agures no telhado.

— Acabei de comprar esta porcaria.

— Era bem gira, por sinal — gritou Cam.

— Vai-te lixar — sugeriu Phillip, e arrancou a camisa para a usar para limpar o suor do rosto.

Oh, bom, pensava ela, apreciando a vista de uma perspectiva puramente pessoal. *O jovem deus americano*, constatou. Concebido para fazer as mulheres babarem-se.

Pendurou a camisa rasgada no bolso de trás, avançando para a escada. E foi aí que a viu. Ela não lhe conseguia ver os olhos, mas percebeu pela pausa momentânea, a inclinação da cabeça, que estava a olhar para ela. *A avaliação era instintiva*, concluiu ela. Homem vê mulher, estuda, pondera, e decide.

Não havia dúvidas que a vira e, ao começar a descer o escadote, já estava a ponderar. E esperava poder ver mais de perto. — Temos companhia, — murmurou Phillip, ao que Cam espreitou por cima do ombro.

— Hmmmm. Muito bom.

— Está ali há uns dez minutos. — Ethan sacudia o pó das mãos nas ancas. — A ver o espectáculo.

Phillip desceu do escadote, virou-se e sorriu. — Então — gritou para ela —, que tal lhe parece?

Descobriram-me, pensou ela e avançou. — Bastante impressionante. Espero que não se incomodem com a assistência. Não consegui resistir.

— De todo. É um grande dia para os Quinn. — Estendeu a mão. — Sou o Phillip.

— Sou a Sybill. E vocês constroem barcos.

— É o que diz o letreiro.

— Fascinante.

— Vim passar uns dias aqui na zona. Não esperava encontrar construtores navais. Que tipo de barcos constroem?

— Veleiros de madeira.

— A sério? — Dirigiu o sorriso fácil para os irmãos. — E são sócios?

— Cam. — Ele devolveu o sorriso, esticando o polegar. — O meu irmão Ethan.

— Muito prazer. Cameron — começou ela, desviando o olhar para ler o letreiro. — Ethan, Phillip. — O seu batimento cardíaco acelerou, mas manteve o sorriso cordial inalterado. — Onde está o Seth?

— Na escola — informou Phillip.

— Oh, na faculdade?

— Preparatória. Tem dez anos.

— Estou a ver. — Ela reparava agora que ele tinha cicatrizes no peito. Antigas e brilhantes, rasando perigosamente a zona do coração. — O vosso letreiro é bastante impressionante: Barcos dos Quinn. Gostava de passar por cá noutra altura para vos ver a trabalhar.

— Quando quiser. Quanto tempo vai ficar em S. Cris?

— Depende. Gostei muito de vos conhecer a todos. — *Altura de bater em retirada*, decidiu ela. Tinha a garganta seca, a pulsação descontrolada. — Boa sorte com os barcos.

— Passe por cá amanhã — sugeriu Phillip, enquanto ela se afastava. — Apanha os quatro Quinn em acção.

Disparou um olhar sobre o ombro, na esperança de não revelar mais do que um interesse jovial. — Talvez faça isso.

Seth, pensava ela, agora esforçando-se por continuar a olhar em frente. Ele acabara de lhe abrir a porta para ver Seth no dia seguinte.

Cam emitiu um gemido baixo e masculino. — Tenho de admitir que aquela mulher se mexe mesmo bem.

— Sim, sem dúvida. — Phillip enganchou as mãos nos bolsos e ficou a apreciar a visão. Ancas estreitas e pernas esguias numas calças finas cor de milho, uma blusa curta cor de lima presa numa cintura estreita. Uma

onda de cabelo liso e esvoaçante, cor de marta, que lhe rasava os ombros vigorosos.

E o rosto era igualmente atraente. Um clássico oval, de pele de pê-sego e natas, uma boca ágil e definida, adornada de um rosa muito suave. Sobrancelhas sensuais, imaginava ele, escuras e bem arqueadas. Não conseguira ver os olhos por baixo delas, por culpa dos óculos de sol modernos, com armação metálica. Podiam ser escuros, iguais ao cabelo, ou claros, num perfeito contraste.

E a voz suave de contralto encimara o conjunto de forma fantástica.

— Vão ficar aí a olhar para o rabo da mulher o dia todo? — indagou Ethan.

— Pois, como se não tivesses reparado também — rosnou Cam.

— Reparei. Mas não vou fazer carreira disso. Não vamos fazer mais nada hoje?

— Daqui a nada — murmurou Phillip, sorrindo para dentro, assim que ela virou a esquina e desapareceu. — Sybill. Espero bem que fiques mais uns tempos em S. Cris.

Ela não sabia quanto tempo ia ficar. Tinha tempo para pensar. Podia trabalhar onde quisesse, e por agora optara por aquela pequena vila piscatória, no sul da Costa Leste de Maryland. Passara quase uma vida inteira em cidades, inicialmente porque os pais preferiam e depois por opção dela.

Nova Iorque, Boston, Chicago, Paris, Londres, Milão. Compreendia a paisagem urbana e os seus habitantes. Na verdade, a Dra. Sybill Griffin sustentara a sua carreira no estudo da vida urbana. Pelo caminho, colecionara licenciaturas em antropologia, sociologia e psicologia. Quatro anos em Harvard, pós-graduação em Oxford e doutoramento em Columbia.

Fora uma académica excelente e agora, a seis meses de completar trinta anos, já podia ditar as próprias regras. E era assim precisamente que escolhera ganhar a vida. A escrever.

O seu primeiro livro, *Paisagem Urbana*, fora bem recebido, fora aclamado pela crítica e rendera-lhe uma quantia razoável. Mas o segundo, *Estranhos Familiares*, catapultara-a para os topos nacionais, arrastando-a numa espiral de *tournées*, palestras, *talk-shows*. Agora que a PBS estava a produzir um documentário em episódios, baseado nas suas observações e teorias sobre a vida e os costumes citadinos, estava muito mais segura financeiramente. Era independente.

O seu editor mostrara-se receptivo à ideia de um livro na dinâmica e na tradição das pequenas vilas. Inicialmente, encarara-o como uma mera

fachada, uma desculpa para viajar para S. Cristóvão, e passar uma temporada a tratar de assuntos pessoais.

Mas depois começou a pensar melhor. Daria um caso bem interessante. Afinal de contas, era uma observadora experiente e especializada no registo de ocorrências do género.

Trabalhar talvez a acalmasse, pensava, caminhando de um lado para o outro, na pequena e agradável suíte do hotel. Certamente que seria mais fácil e produtivo encarar a viagem como uma espécie de projecto. Precisava de tempo, objectividade e acesso aos sujeitos envolvidos.

Graças a agradáveis circunstâncias, já tivera a três.

Saiu para a varanda de sessenta centímetros, que o hotel altivamente apelidava de terraço. Oferecia uma vista magnífica da Baía de Chesapeake, e vislumbres interessantes da vida junto ao cais. Já observara barcos de pesca a zoarem para as docas e a descarregarem tanques de caranguejos azuis que davam fama à zona. Observara os apanhadores de caranguejo na faina, os bandos de gaivotas, o voo das garças, mas ainda não entrara em nenhuma das pequenas lojas.

Não estava em S. Cris para comprar lembranças.

Talvez puxasse a mesa para junto da janela, para trabalhar com aquela vista. Com a brisa a soprar de feição, conseguia apanhar resquícios de vozes, uma pronúncia mais arrastada e fluida do que a que ouvira nas ruas de Nova Iorque, onde assentara arraiais nos últimos anos.

Não era bem sulista, pensava, como se podia ouvir em Atlanta, Mobile ou Charleston, mas muito díspar dos sons articulados e das consoantes duras do norte.

Nas tardes solarengas podia sentar-se num dos banquinhos de ferro que abundavam junto ao cais, e observar o pequeno mundo, que ali se formava, de água, peixe e suor humano.

Podia ver como uma comunidade pequena de pessoas como aquela, com base na Baía, interagia com os turistas. As tradições, os costumes, os lugares-comuns que a compunham. Formas, imaginava, de vestir, de se moverem e de falarem. Os habitantes locais raramente se apercebiam de como se resignavam às regras implícitas de comportamento ditadas pelas suas origens.

Regras, regras, regras. Existiam por todo o lado. Sybill acreditava nelas piamente.

Segundo que regras é que viviam os Quinn? perguntava-se. Que espécie de cola é que havia unido aquela família? Claro que deviam seguir uma conduta, ter um próprio jargão, com base numa hierarquia e em normas de recompensa e disciplina.

Onde e como é que Seth se enquadrava em tudo aquilo?

Descobrir, discretamente, era uma prioridade.

Não havia motivo para os Quinn saberem quem ela era, para suspeitarem da ligação que tinha. Seria melhor para todos se ninguém soubesse. Caso contrário, podiam muito bem tentar, e possivelmente conseguir, impedi-la de chegar a Seth. Há meses que ele vivia com eles. Não tinha a certeza do que lhe tinham contado, que volta haviam dado aos factos.

Precisava de observar, de estudar, de ponderar e de ajuizar. Depois, tomaria uma atitude. Não faria nada sob pressão, ordenava a si mesma. Não a fariam sentir-se culpada nem responsável. Não teria pressa.

Depois do encontro daquela tarde, achou que seria fácil de mais travar conhecimento com os Quinn. A única coisa que tinha de fazer era vaguear por aquele enorme edifício de tijolo, mostrando interesse no processo de criação de um veleiro de madeira.

Phillip Quinn seria o seu bilhete de acesso. Revelara todos os indícios do comportamento típico de atracção em fase inicial. Não seria tarefa árdua tirar partido disso. Uma vez que ele apenas passava alguns dias por semana em S. Cris, não faria mal nenhum se levasse uma sedução casual para território mais sério.

Conseguir ser convidada para sua casa também não seria problema. Precisava de ver onde e como Seth vivia, e quem cuidava do seu bem-estar.

Era feliz?

Gloria dissera que lhe tinham roubado o filho. Que tinham usado da sua influência e dinheiro para o manter longe de si.

Mas Gloria era mentirosa. Sybill fechava os olhos com força, lutando por se manter calma, para ser objectiva e não se magoar. *Sim, Gloria era mentirosa*, pensava novamente. Uma aproveitadora. Mas era também a mãe de Seth.

Dirigindo-se para a secretária, Sybill abriu o Filofax e tirou uma fotografia. Um rapazinho de cabelo cor de palha e olhos azuis-brilhantes sorria para ela. Fora ela mesma a tirá-la, da primeira e única vez que vira Seth.

Devia ter quatro anos, pensava ela agora. Phillip dissera que ele agora tinha dez, e Sybill lembrava-se que já tinham passado seis anos desde que Gloria lhe aparecera à porta, em Nova Iorque, com o filho pela mão.

Estava desesperada, claro. Falida, furiosa, chorosa, suplicante. Não tivera escolha senão acolhê-la, ao ver a criança a fitá-la, os olhos enormes e assombrados. Sybill não sabia nada de crianças. Nunca convivera com nenhuma. Talvez tenha sido por isso que se apaixonou por Seth tão depressa e com tanta entrega.

E quando chegou a casa, três semanas depois, e viu que tinham desaparecido, juntamente com todo o dinheiro que ela lá tinha, as jóias, a estimada colecção de porcelana Daum, ficara devastada.

Devia ter previsto, convencia-se agora. Fora uma atitude típica de Gloria. Mas acreditara, precisava de acreditar, que iam acabar por se entender. Que a criança haveria de fazer a diferença. Que podia ajudar.

Bom, desta vez, pensava ela ao guardar a fotografia, teria mais cuidado, seria menos emocional. Sabia que, desta vez, o que Gloria lhe contara era em parte verdade.

O que faria dali em diante dependia das suas próprias conclusões. Iria começar assim que voltasse a ver o sobrinho.

Sentada, ligou o computador portátil e começou a escrever as notas iniciais.

Os irmãos Quinn parecem cultivar um relacionamento fácil e de padrões masculinos. Apenas do que tenho observado, suspeito que trabalham bem juntos. Vai ser preciso um estudo mais atento para determinar a função que cada um desempenha na sociedade empresarial, bem como no relacionamento familiar.

Tanto Cameron como Ethan Quinn casaram recentemente. Vai ser preciso conhecer as respectivas esposas para compreender a dinâmica desta família. Logicamente, uma delas deve representar a figura materna. Uma vez que a mulher de Cameron, Anna Spinelli, tem carreira a tempo inteiro, seria de imaginar que Grace Monroe Quinn preenchesse esse lugar. No entanto, é um erro generalizar estas questões e serão necessárias observações pessoais. Achei revelador que o leteiro da empresa que os Quinn penduraram hoje à tarde tivesse o nome de Seth como um Quinn. Não sei se esta eliminação do seu nome legal é em benefício deles ou do rapaz.

Tenho a certeza que ele tem consciência que os Quinn pediram a sua custódia. Ainda não sei se ele recebeu as cartas que a Gloria lhe escreveu. Talvez os Quinn as tenham deitado fora. Apesar de compreender a situação dela e o desespero que sente para ter o filho de volta, é melhor que não saiba que vim até cá. Assim que documentar o que descobrir, entrarei em contacto com ela. Se no futuro houver uma batalha legal, é melhor abordar o assunto com factos, em vez de emoções à flor da pele.

Espero que o advogado que a Gloria arranjou, dentro em breve, entre em contacto com os Quinn através das vias legais adequadas.

Quanto a mim, espero ver Seth amanhã e ficar mais por dentro da situação. Vai ser útil determinar o que é que ele sabe sobre a sua filiação. Uma vez que só recentemente obtive todas as infor-

mações, ainda não assimilei na totalidade todos os factores e as respectivas repercussões.

Em breve, veremos se as pequenas vilas são realmente um caldeirão de informações sobre os seus habitantes. Tenciono saber o que puder sobre o professor Raymond Quinn antes de me dar por satisfeita.

O sítio mais habitual para socializar, obter informações e rituais de acasalamento, nas pequenas cidades ou nas grandes, observava Sybill, era o bar local.

Não importava se estava decorado com latões e abetos, ou cascas de amendoim e cinzeiros de lata, se a música era *country* lamechas ou *rock* de fazer vibrar o coração, era o sítio tradicional para obter e trocar informações.

O *pub* Shiney's em S. Cristóvão era o sítio ideal. A decoração era de madeira escura, cromado barato e *posters* desbotados de barcos. A música estava tão alta, concluiu ela, que era impossível identificar o estilo que berrava das colunas enormes que ladeavam o pequeno palco, onde quatro jovens fustigavam guitarras e baterias com mais entusiasmo que talento.

Três homens junto ao bar mantinham os olhos colados no jogo de basebol, no pequeno ecrã do televisor, aparafusado à parede, atrás do balcão. Pareciam satisfeitos em observar o bailado silencioso do lançador e do batedor, enquanto emborcavam garrafas castanhas de cerveja e comiam mãos cheias de aperitivos.

A pista de dança estava apinhada. Só havia quatro casais, mas o espaço exíguo originava pequenos acidentes com cotoveladas e embates de traseiros. Ninguém parecia importar-se.

As empregadas vestiam de acordo com fantasias masculinas idiotas — minissaias pretas, minúsculas blusas justas de decote em V, meias de rede e saltos agulha.

Sybill sentiu uma compaixão imediata.

Aninhou-se numa mesa torta, o mais humanamente possível longe das colunas. O fumo e o barulho não a incomodavam, nem sequer o chão pegajoso ou a mesa torta. O lugar que escolhera dava-lhe uma visão ampla dos frequentadores.

Estava desesperada por sair do quarto do hotel por umas horas. Agora estava decidida a recostar-se, saborear um copo de vinho e observar os nativos.

A empregada que a abordou era uma morena pequenita com um decote invejável e um sorriso cor de cereja. — Olá. Posso trazer alguma coisa?

— Um copo de *Chardonnay* e gelo à parte.

— É para já. — Pousou uma taça de plástico com aperitivos em cima da mesa e começou a caminhar para o bar, aceitando pedidos pelo caminho.

Sybill perguntava-se se tinha acabado de conhecer a mulher de Ethan. Sabia que Grace Quinn trabalhava neste bar. Mas não vira aliança de casamento no dedo da pequena morena, e Sybill presumia que a recém-casada certamente a usaria.

A outra empregada? Aquela tinha um ar perigoso, concluiu. Loura, bem constituída e absorta. Sem dúvida que era atraente, de uma forma óbvia. Ainda assim, nada no seu aspecto revelava tratar-se de uma recém-casada, em especial a forma como se debruçava sobre a mesa de um cliente agradecido, concedendo-lhe um panorama completo do seu decote.

Sybill franziu a testa e mordiscou um aperitivo. Se aquela era Grace Quinn, sem dúvida que a eliminaria do estatuto de figura maternal.

Algo acontecera no jogo de basebol, presumiu Sybill, ao ver os três homens começarem a gritar, urrando por alguém chamado Eddie.

Por uma questão de hábito, pegou no bloco de notas e começou a registar observações. As palmadas nas costas e os murros nos braços da confraternização masculina. A expressão corporal das fêmeas, aproximando-se em busca de intimidade. Passando a mão pelo cabelo, as trocas de olhares, os gestos com as mãos. E, claro, o ritual de acasalamento dos casais contemporâneos através da dança.

Foi assim que Phillip a viu, quando entrou. Estava a sorrir para si mesma, a olhar em volta, a tirar notas. *Ela parecia*, pensava ele, *muito serena, muito longe*. Podia encontrar-se atrás do vidro fino de uma montra.

Apanhara o cabelo atrás, prendendo-o num rabo-de-cavalo largo junto ao pescoço, deixando-lhe o rosto indefinido. Nas suas orelhas balouçavam pingentes de ouro com pedras só de uma cor. Ficou a vê-la a pousar a caneta para despir o casaco de camurça amarelo-pálido.

Fora levado por um impulso, sentindo-se bastante inquieto. Agora, bendizia a disposição algo soturna que o assombrara toda a noite. Decidira que ela era exactamente aquilo de que andava à procura.

— Sybill, verdade? — Viu a surpresa fugidia percorrer-lhe o olhar, assim que ela olhou para cima. E viu que os olhos eram transparentes e puros, como a água do lago.

— Verdade. — Recompondo-se, fechou o bloco de notas e sorriu. — Phillip, da Barcos dos Quinn.

— Está sozinha?

— Estou... a não ser que se queira sentar e beber alguma coisa.

— Gostava muito. — Puxou uma cadeira, acenando na direcção do bloco de notas dela. — Interrompi-a?

— Nem por isso. — Dirigiu o sorriso para a empregada, assim que ela lhe trouxe o vinho.

— Hei, Phil, queres cerveja preta?

— *Marsha*, lê os meus pensamentos.

Marsha, pensava Sybill. Já eliminava a morena atrevida. — Que música invulgar.

— A música aqui nunca presta para nada. — Lançou-lhe um sorriso, rápido, sedutor e divertido. — Já é tradição.

— Brindemos à tradição. — Ela ergueu o copo, bebeu, depois com um ligeiro *hmmm* começou a deitar gelo no vinho.

— Como classificaria o vinho?

— Bom, é básico, elementar, primitivo. — Provou novamente, com um sorriso queixoso. — É horrível.

— Também é um orgulho da tradição do Shiney's. Ele tem *Sam Adams* preta. É uma aposta melhor.

— Não me vou esquecer. — De lábios curvados, inclinou a cabeça. — Já que conhece as tradições locais, imagino que viva aqui há algum tempo.

— Sim. — Franziu os olhos e estudou-a, como se algo tentasse avivar-lhe a memória. — Eu conheço-a.

O coração dela estremeceu e pulou para a garganta. Sem pressa, voltou a pegar no copo. Mantinha a mão firme, a voz nivelada e calma. — Não me parece.

— Conheço, sim. A sua cara não me é estranha. Antes não me lembrei, porque estava de óculos de sol. Alguma coisa... — Esticou o braço, pousou-lhe a mão no queixo e inclinou-lhe a cabeça outra vez. — Essa expressão exacta.

Tinha as pontas dos dedos algo rudes, o toque bastante confiante e firme. O gesto em si avisara-a de que se tratava de um homem habituado a tocar nas mulheres. E ela era uma mulher que não estava habituada a que lhe tocassem.

Como defesa, Sybill arqueou a sobrancelha. — Uma mulher com um juízo de valor algo cínico podia achar que se trata de uma frase feita, não muito original.

— Não costumo usar frases feitas — murmurou ele, concentrado no rosto dela. — Só originais. Sou bom com imagens, e esta já vi. Olhos transparentes, inteligentes, sorriso ligeiramente divertido. Sybill... — Deslizou o olhar pelo rosto dela, depois curvou os lábios devagar. — Griffin. *Doutora Sybill Griffin. Estranhos Familiares.*

Ela soltou um suspiro que lhe estava a sufocar os pulmões. O sucesso que alcançara era ainda algo recente, por isso ficava sempre surpreendida

quando a reconheciam. E, neste caso, aliviada. Não havia qualquer ligação entre a Dra. Griffin e Seth DeLauter.

— É bom para caras — disse ela, descontraída. — E leu o livro, ou olhou só para a minha fotografia na badana?

— Li. Achei fascinante. Para ser sincero, gostei tanto que fui comprar o primeiro que escreveu. Mas ainda não o li.

— Fico lisonjeada.

— Escreve bem. Obrigado, Marsha — acrescentou, quando esta lhe pousou a cerveja à frente.

— Se precisarem de alguma coisinha, é só chamar. — Marsha piscou o olho. — Bem alto. Esta noite, a banda vai bater todos os recordes de volume.

O que lhe deu uma desculpa para aproximar a cadeira e inclinar-se para ela. Emanava um aroma subtil, reparou. Um homem tinha de estar bem perto, se quisesse captar a mensagem latente. — Diga-me, Dra. Griffin, o que é que uma urbana de renome faz numa vilazinha piscatória sem ponta por onde se lhe pegue, como S. Cris?

— Pesquisa. Padrões comportamentais e tradições — elucidou, erguendo o copo, incitando ao brinde. — De pequenas vilas e comunidades rurais.

— Mas que grande mudança de tema.

— A sociologia e os interesses culturais não são, nem devem ser, exclusivos das cidades.

— Está a tomar notas?

— Algumas. Na taberna local — começou ela, mais confortável agora. — Os clientes. O trio junto ao bar, tão obcecado com o ritual dos jogos dominados pelos homens, que acabam por se alhear do barulho e das actividades que os rodeiam. Podiam estar em casa, instalados nos *Barcaloungers*, mas preferem a experiência de partilha latente na participação passiva no evento. Desta forma, obtêm companheirismo, parceiros com quem partilham esse interesse, que não vão discordar nem concordar. Isso não tem importância. O que importa é o padrão.

Percebeu que gostava da forma como a sua voz adquiria um tom de palestra, que transparecia um enérgico *yankee*. — Os O's estão numa corrida desenfreada, e você está embrenhada em território Oriole. Talvez seja do jogo.

— O jogo é um veículo. O padrão deve permanecer bastante constante, quer seja futebol ou basquetebol. — Encolheu os ombros. — O macho típico obtém mais prazer com o desporto se tiver, pelo menos, uma companhia masculina equivalente. Basta observar a publicidade que tem como alvo principal o consumidor masculino. A cerveja, por exemplo — disse ela,

batendo com o dedo no copo dele. — Muitas vezes vende-se mostrando um grupo de homens atraentes que partilham uma experiência comum. Um homem compra essa marca de cerveja porque está programado para acreditar que lhe vai melhorar a posição que adquiriu junto do seu grupo de pares.

Reparando que ele sorria entredentes, ela ergueu as sobrancelhas. — Não concorda?

— Completamente. Trabalho em publicidade, e acaba de acertar na mosca.

— Publicidade? — Ignorou a pequena pontada de culpa pela pretensão. — Não pensei que haveria por aqui saída nesse ramo.

— Trabalho em Baltimore. Venho cá passar os fins-de-semana. Coisas de família. É uma longa história.

— Gostava de a ouvir.

— Noutra altura. — *Havia algo*, pensou ele, naqueles olhos azuis quase translúcidos, emoldurados por pestanas compridas, pintadas, que tornavam quase impossível desviar a atenção deles. — Diga-me que mais é que vê.

— Bom... — Tinha um talento inato, concluiu ela. Era um trabalho de mestre. A forma como olhava para uma mulher, como se não existisse nada mais vital no mundo, naquele instante. Obrigou o seu coração a bater de satisfação. — Está a ver a outra empregada?

Phillip desviou o olhar, observando o laço frívolo na parte de trás da fivela da saia da mulher. — É difícil não ver.

— Pois. Ela preenche certos requisitos das fantasias masculinas típicas e primitivas. Mas estou a referir-me pessoalmente, e não fisicamente.

— Ok. — Phillip passou a língua pelos dentes. — O que é que vê?

— É eficiente, mas já está a contar o tempo para fechar a casa. Sabe escolher os que dão melhores gorjetas e anima-os. Ignora totalmente aquela mesa de estudantes. Não lhe iam dar dinheiro nenhum. Pode encontrar a mesma táctica de sobrevivência numa empregada cínica num bar em Nova Iorque.

— Linda Brewster — informou Phillip. — Acabou de se divorciar, e anda à procura de um novo marido, bem melhor. A família dela é dona da pizaria, por isso há anos que serve às mesas. Está-se nas tintas. Quer dançar?

— O quê? — *Então, aquela também não é a Grace*, matutava ela, lutando por se manter atenta à conversa. — Perdão?

— A banda já acalmou, se é que não se acabaram as pilhas. Quer dançar?

— Pode ser. — Ela deixou que ele lhe pegasse na mão e a guiasse pelas

mesas para a pista de dança, onde se apertaram pelo meio da multidão.

— Parece que é uma versão de «Angie» — murmurou Phillip.

— Se o Mick e os rapazes ouvissem o que lhe estão a fazer matavam a banda inteira sem hesitar.

— Gosta dos Stones?

— Como não gostar? — Já que apenas conseguiam girar, ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. Não lhe custava nada ter o rosto dele tão próximo do seu, ou de se ver obrigada a encostar o corpo com força de encontro ao dele. — *Rock and Roll* duro e pesado, sem distrações, sem confusões. Só sexo.

— Gosta de sexo?

Ela não conteve uma gargalhada. — Como não gostar? E apesar de gostar da ideia, não tenciono atirar-me de cabeça esta noite.

— Temos sempre o amanhã.

— Sem dúvida. — Pensou em beijá-lo, deixar que ele a beijasse. Como experiência, não havia dúvidas de que ia ser bastante divertido. Em vez disso, ela virou a cabeça, por isso as maçãs do rosto roçaram uma na outra. Ele era demasiado atraente para ceder a um impulso e a um risco não calculado.

Era melhor ser cautelosa, lembrava-se ela, do que estúpida.

— Porque é que não a levo a jantar amanhã? — Hábil, passou a mão pelas costas dela acima, descendo novamente para a cintura. — Conheço um sítio bem simpático, aqui mesmo na vila. Tem uma vista fantástica sobre a Baía, o melhor marisco da Costa. Podemos conversar num tom de voz normal, e pode-me contar a história da sua vida.

Passou os lábios ao de leve pela orelha dela, enviando-lhe um arrepio fulminante até aos dedos dos pés. *Já devia saber, pensava agora, que alguém com o aspecto dele devia ter imenso jeito para abordagens sexuais.*

— Vou pensar nisso — murmurou ela e, decidindo pagar na mesma moeda, deslizou as pontas dos dedos pela nuca dele. — E depois digo qualquer coisa.

Quando a canção terminou, e a seguinte desatou aos berros e a acelerar, ela afastou-se. — Tenho de ir andando.

— O quê? — Ele inclinou-se para ela lhe gritar ao ouvido.

— Tenho de ir andando. Obrigada pela dança.

— Acompanho-a lá fora.

De regresso à mesa, ele tirou algumas notas, enquanto ela agarrava nos seus pertences. Ao primeiro passo para o ar frio e silencioso, ela riu-se. — Bem, mas que experiência. Obrigada por a tornar mais rica.

— Não teria perdido por nada. Não é muito tarde — acrescentou ele, pegando-lhe na mão.

— É tarde o suficiente. — Tirou as chaves do carro.

— Passe amanhã pelo estaleiro. Faça-lhe a visita guiada.
— Sou capaz de fazer isso. Boa noite, Phillip.
— Sybill. — Não tentou resistir, limitando-se a levar-lhe a mão aos lábios. Por cima dos seus dedos enlaçados, prendeu o olhar no dela. — Fico feliz por ter escolhido S. Cris.

— Eu também.

Ela entrou no carro, aliviada por ter de se concentrar na tarefa de acender os faróis, soltar o travão e ligar o motor. Conduzir não era fácil, para uma mulher dependente dos transportes públicos ou do serviço de táxis, quase toda a vida.

Com toda a atenção, colocou a marcha-atrás, pôs o carro em andamento para dar a curva na estrada. E ignorou com afínco o leve toque nos nós dos dedos, onde os lábios dele haviam pressionado.

Mas não resistiu a olhar pelo espelho retrovisor e a observá-lo uma última vez, antes de se afastar.

Phillip decidiu que voltar para o Shiney's seria absurdamente contranatura. Pensou nela, ao conduzir de regresso a casa, na forma como as suas sobranceiras arqueavam quando chegava a uma conclusão ou apreciava um comentário. Aquele aroma subtil e íntimo, que informava um homem que se conseguisse aproximar-se o suficiente para ter um vislumbre, talvez, quem sabe, tivesse a oportunidade de se aproximar um pouco mais.

Convencia-se de que ela era a mulher perfeita para investir algum tempo ao tentar aproximar-se. Era linda; era inteligente; era culta e sofisticada.

E sensual o bastante para lhe pôr as hormonas em alerta.

Gostava de mulheres, e sentia a falta de tempo para conversar com elas. Não que não gostasse de falar com Anne ou Grace. Mas havia que encará-lo, não era bem igual a falar com mulheres com que pudesse fantasiar em levá-las para a cama.

E ultimamente sentia falta daquela faceta especial de um relacionamento homem-mulher. Mal tinha tempo para se arrastar até ao apartamento depois de um dia de dez ou doze horas de trabalho. A sua vida social, outrora interessante e variada, sofrera golpes profundos, desde que Seth entrara na família.

Dedicava a semana às suas contas e às consultas com o advogado. A batalha com a companhia de seguros sobre o pagamento do prémio relativo à morte do seu pai estava a chegar a um ponto decisivo. A resolução da custódia permanente de Seth seria decidida dentro de noventa dias. A responsabilidade de lidar com a montanha de papelada e telefonemas resultantes dessas acções seria dele. Os pormenores eram o seu ponto forte.

Consumia os fins-de-semana com as tarefas de casa, o negócio e o que não tivesse conseguido fazer durante a semana.

Tudo somado, não sobrava muito tempo para jantares românticos com mulheres atraentes, muito menos para o ritual de cair nos lençóis com essas mulheres.

Isso explicava o seu recente desassossego e mau humor, imaginava ele. Quando a vida sexual de um homem era praticamente inexistente, tinha tendência para se tornar algo irritadiço.

A casa estava às escuras, à exceção do brilho solitário da luz do alpendre, ao estacionar o carro. *Mal dera a meia-noite de um serão de sexta-feira*, pensava ele, suspirando. Quem o viu e quem o vê. Noutros tempos, ele e os irmãos andavam na rua, à procura de acção. Bom, ele e Cam teriam arrastado Ethan, mas uma vez convencido, Ethan safava-se sempre.

Os rapazes Quinn não costumavam passar muitas noites de sexta-feira a dormir.

Por estes dias, pensava ao saltar do *Jeep*, Cam estaria lá em cima enroscado na mulher e Ethan enfiar-se-ia na casinha de Grace. Sem dúvida que ambos teriam um sorriso estampado no rosto.

Patifes sortudos.

Sabendo que não ia conseguir dormir, atravessou a casa e caminhou até onde a orla das árvores encontrava a beira da água.

A Lua era uma bola gorda que governava o céu nocturno. Disseminava a sua luz branca, suave, pela água escura, pela zostera alta e as folhas espessas.

As cigarras cantavam num timbre alto e monótono, e nas profundezas do bosque cerrado, uma coruja piava em duas notas incansáveis.

Talvez preferisse os sons da cidade, as vozes e o trânsito abafado através do vidro. Mas achava sempre aquele lugar sedutor. Apesar de sentir falta do ritmo da cidade, dos teatros e dos museus, da mistura ecléctica de comida e pessoas, conseguia apreciar a paz e a estabilidade que encontrava ali, dia após dia. Ano após ano.

Sem isso, não tinha dúvidas que já tinha encontrado o caminho de volta para a sarjeta. Para morrer lá.

— Sempre quiseste mais da vida do que só isso.

O arrepio trespassou-o, das entranhas às pontas dos dedos. De onde estivera há pouco, a ver o luar a banhar as árvores, fitava agora o seu pai. O pai que enterrara há seis meses.

— Só bebi uma cerveja — ouviu-se dizer.

— Não estás embriagado, filho. — Ray avançou, até o luar lhe iluminar a intensa melena de cabelo prateado e os olhos azuis-brilhantes, que cintilavam, divertidos. — Talvez seja melhor começares a respirar, antes que desmaies.

Phillip soltou o ar com um sopro, mas ainda ouvia sininhos ao longe. — É melhor sentar-me. — Foi o que fez, lentamente, como um velho te raquítico, deixando-se cair sobre a relva. — Não acredito em fantasmas — disse ele, a olhar para a água —, nem na reencarnação, na vida depois da morte, no regresso dos mortos, nem em forma alguma de fenómeno paranormal.

— Sempre foste o mais pragmático de todos. Uma coisa só era real se a pudesses ver, tocar e cheirar.

Ray sentou-se a seu lado com um suspiro de satisfação, e esticou as pernas compridas dentro de *jeans* puídos. Cruzou as pernas pelo tornozelo e nos pés podiam ver-se as botas *Dock-Side* gastas, que o próprio Phillip pusera numa caixa para o Exército de Salvação, há quase seis meses.

— Bom — disse Ray, alegre —, estás-me a ver, não estás?

— Não. Estou a ter um achaque, provavelmente resultante de privação sexual e trabalho a mais.

— Não vou discutir contigo. A noite está demasiado bonita para isso.

— Ainda não me conformei — disse Phillip, para si mesmo. — Ainda estou zangado pela forma como ele morreu, e por que razão, e por todas as perguntas sem resposta. Por isso, estou a fazer projecções na minha mente.

— Sempre pensei que fosses o mais duro dos três. Sempre tiveste resposta para tudo. Sei que também tens perguntas. E sei que sentes raiva. Tens direito a isso. Tiveste de mudar de vida e assumir responsabilidades que não deviam ser tuas. Mas fizeste-o, e estou-te grato por isso.

— Agora não tenho tempo para terapia. Não consigo incluir consultas no horário de trabalho.

Ray soltou uma gargalhada pujante. — Rapaz, não estás bêbedo e também não estás maluco. Só és teimoso. Porque é que não usas essa tua cabeça tolerante, Phillip, e pensas numa possibilidade?

Recompondo-se, Phillip virou a cabeça. Era o rosto do pai, largo e cheio de vida e pleno de humor. Aqueles olhos azuis-brilhantes dançavam, o cabelo prateado esvoaçava na brisa da noite. — Isto é uma impossibilidade.

— Algumas pessoas disseram, quando eu e a tua mãe te acolhemos, a ti e aos teus irmãos, que era uma impossibilidade, o facto de querermos constituir família, fazer a diferença. Estavam enganados. Se lhes tivéssemos dado ouvidos, se tivéssemos seguido a lógica, nenhum de vocês teria sido nosso. Mas o destino não quer saber da lógica para nada. É assim e pronto. E vocês estavam destinados a ficar connosco.

— Ok. — Phillip disparou a mão para a frente, e logo a puxou para

trás, em choque. — Como é que posso fazer isso? Como é que posso tocar-te, se és um fantasma?

— Porque tens de o fazer. — Casualmente, Ray deu a Phillip uma palmadinha rápida no ombro. — Estou aqui, por mais um bocadinho.

Phillip sentiu um nó na garganta, ao mesmo tempo que o seu estômago se contraía. — Porquê?

— Não acabei. Deixei coisas a teu cargo e dos teus irmãos. Lamento isso, Phillip.

Não ia acontecer, claro, convencia-se Phillip. Provavelmente, estava à beira de um pequeno esgotamento. Conseguia sentir a brisa no rosto, quente e húmida. As cigarras ainda cantavam, a coruja continuava a piar.

Já que estava a ter um episódio psíquico, pensou novamente, talvez fosse melhor deixar-se ir. — Estão a dizer que foi suicídio, — disse, devagar. — A companhia de seguros está a opor-se à nossa pretensão.

— Espero que saibas que são tudo tretas. Fui descuidado, distraído. Foi um acidente. — Agora havia um tom diferente na voz de Ray, uma impaciência e irritação que Phillip reconhecia. — Não seria capaz de seguir o caminho mais fácil. E tinha de pensar no rapaz.

— O Seth é teu filho?

— Posso dizer-te que é meu.

Doía-lhe a cabeça e o coração, quando se virou para voltar a fitar a água. — A mãe ainda era viva quando ele foi concebido.

— Eu sei. Nunca fui infiel à tua mãe.

— Então, como...

— Tens de o aceitar, por ele. Sei que gostas dele. Sei que estás a fazer o melhor por ele. Tens de dar esse último passo. Aceitação. Ele precisa de ti, de todos vocês.

— Não lhe vai acontecer nada de mal — disse Phillip, sinistro. — Vamos assegurar-nos disso.

— Ele pode mudar a tua vida, se o deixares.

Phillip soltou uma gargalhada breve. — Acredita, já mudou.

— De uma forma que pode melhorar a tua vida. Não te feches a essa possibilidade. E não te preocupes em demasia com esta pequena visita. — Ray deu-lhe uma palmada amistosa no joelho. — Fala com os teus irmãos.

— Pois, vou-lhes contar que me sentei aqui fora, a meio da noite, a falar com... — Virou-se para ele, e a única coisa que viu foi o luar nas árvores.

— Ninguém — concluiu, deitando-se, com lassidão, sobre a relva para apreciar o luar. — Céus, preciso mesmo de umas férias.

QUATRO

Não devia parecer demasiado ansiosa, recordava Sybill. Nem chegar cedo de mais. Tinha de ser casual. Tinha de estar descontraída.

Decidiu não levar o carro. Daria mais a ideia de uma visita ocasional, se fosse a passear pelo cais. E se incluísse a visita ao estaleiro numa tarde de compras e turismo, daria a impressão de ter agido mais por impulso do que por algo calculado.

Para se acalmar, vagueou pelo cais. Uma linda manhã de sábado de verão de S. Martinho atraía os turistas. Acotovelavam-se e passeavam tal como ela, entrando nas lojinhas, parando a ver os barcos à vela ou a motor na Baía. Ninguém parecia ter pressa alguma, nem nenhum destino em especial.

Só isso, pensava ela, fazia um contraste interessante com os sábados urbanos habituais, em que até os turistas parecem ter pressa em ir de um sítio para o outro.

Seria algo a considerar e a analisar, talvez até teorizar no próximo livro. E como achava *mesmo* interessante, tirou o minigravador da mala e murmurou algumas notas e observações verbais.

«As famílias parecem descontraídas, em vez de torturadas ou desesperadas pelo divertimento de que vieram à procura. Os nativos têm um ar amigável e paciente. A vida corre devagar, reflectindo o ritmo imposto pelas pessoas que ganham a vida por aqui.»

As lojinhas não se podia dizer que estivessem a fazer um grande negócio, mas os comerciantes não exibiam expressões ansiosas e deprimentes, abundantes entre os vendedores que viam multidões passar com as carteiras bem guardadas.

Comprou alguns postais para os amigos e colegas de Nova Iorque, depois, mais por hábito do que por necessidade, escolheu um livro sobre a história da zona. *la ajudá-la na pesquisa*, imaginava. Demorou-se a contemplar uma fada de estanho com uma lágrima de cristal pendurada nos dedos elegantes. Mas resistiu, lembrando-se com afincos de que podia comprar as bugangas que quisesse em Nova Iorque.

A casa Crawford's parecia ser um sítio popular, por isso entrou e comprou um cone de gelado. Dava-lhe algo para fazer com as mãos, enquanto percorria os escassos quarteirões até à Barcos dos Quinn.

Era apreciadora do valor dos acessórios. *Toda a gente os usava ao lon-*

go deste jogo que era a vida, pensava ela. Um copo numa festa de *cocktail*, um livro de bolso no metro. *Jóias*, concluiu, ao dar por si a enrolar o colar à volta dos dedos nervosos.

Largou o fio e concentrou-se em apreciar o seu mimo de framboesa.

Não demorou muito a chegar aos arredores da cidade. Calculava que a área do cais abarcasse cerca de um quilómetro e meio de uma ponta à outra.

Os bairros seguiam de oeste na direcção da água. Ruas estreitas com casas apumadas e relvados minúsculos. Vedações baixas concebidas para a bisbilhotice no quintal das traseiras, imaginava, bem como para separar os terrenos. As árvores eram grandes e bojudas de folhas, mantendo ainda o verde profundo e escuro do Verão. *Seria*, pensava ela, *uma visão maravilhosa quando, no Outono, mudassem de cor.*

As crianças brincavam nos quintais ou andavam de bicicleta, ao longo dos passeios inclinados. Avistou um adolescente a encerrar apaixonadamente um velho *Chevy*, a acompanhar em voz alta, num tom algo desafinado, a música que ouvia nos auscultadores.

Um rafeiro de pernas compridas e orelhas pendentes precipitou-se para uma vedação enquanto ela passava, emitindo latidos graves e roufenhos. O seu coração deu uma cambalhota, quando ele plantou as patas enormes em cima da vedação. E continuou a andar.

Não percebia muito de cães.

Viu o *Jeep* de Phillip no parque de estacionamento esburacado, junto ao estaleiro. Uma carrinha *pickup* velha fazia-lhe companhia. As portas e várias das janelas do edifício estavam escancaradas. Através delas, ouvia o zumbido das serras e a batida *rock* sulista de John Fogerty.

Ok, Sybill, pensava ela, respirando fundo enquanto engolia com mi-núcia o que restava do gelado. *É agora ou nunca.*

Entrou e deu por si momentaneamente distraída pelo ambiente do local. Era enorme, poeirento e tão iluminado quanto um palco cheio de luzes. Os Quinn estavam a trabalhar no duro, com Ethan e Cam a encaixar uma prancha comprida e curva, no que parecia ser um casco a tomar forma. Phillip manuseava uma serra enorme de aspecto perigoso, que cortava madeira.

Não viu Seth.

Por momentos, limitou-se a observar e a ponderar se havia de voltar para trás. Se o sobrinho não estava lá, seria mais sensato adiar a visita até ter a certeza de que estaria.

Ele podia ter ido passar o dia com amigos. Será que tinha amigos? Ou podia estar em casa. Será que a considerava sua casa?

Antes de conseguir decidir, a serra desligou-se, deixando apenas John

Fogerty a cantarolar sobre um homem jeitoso de olhos castanhos. Phillip recuou, levantou os óculos de protecção e virou-se. E viu-a.

O sorriso dele de boas-vindas surgiu célere, tão sincero, que ela teve de reprimir um imenso sentimento de culpa. — Venho interromper. — Levantou a voz para se sobrepôr à música.

— Graças a Deus. — Sacudindo o pó das mãos nos *jeans*, Phillip caminhou na direcção dela. — Estou farto de olhar para estes gajos o dia todo. Você é bem melhor.

— Decidi armar-me em turista. — Mostrou o saco de compras que trazia na mão. — E pensei em aceitar a oferta da visita guiada.

— Tinha esperança que o fizesse.

— Então... — Deliberadamente, desviou o olhar para o casco. Era mais seguro, decidiu, fitando depois aqueles olhos maduros durante algum tempo. — Aquilo é um barco?

— É um casco. Ou vai ser. — Pegou-lhe na mão, puxando-a para a frente. — Vai ser um pescueiro desportivo.

— Que é?

— Um daqueles barcos catitas em que os homens gostam de se mostrar, másculos, a pescar espadarte e a beber cerveja.

— Hei, Sybill. — Cam lançou-lhe um sorriso. — À procura de emprego?

Ela perscrutou as ferramentas, as pontas aguçadas, a madeira pesada. — Não me parece. — Era fácil devolver o sorriso, olhar para Ethan. — Parece que vocês três sabem o que fazem.

— Sabemos, sim. — Cam agitou o polegar entre ele e Ethan. — Só temos o Phillip por perto por gozo.

— Aqui não me dão valor.

Ela riu-se e começou a andar à volta do casco. Conseguia perceber a forma básica, mas não o processo. — Imagino que esteja de pernas para o ar.

— Bem visto. — Phillip apenas sorriu, quando ela ergueu o sobrolho. — Depois de colocadas as pranchas, viramo-lo e começamos a trabalhar no convés.

— Os vossos pais são construtores navais?

— Não, a minha mãe era médica, o meu pai professor universitário. Mas crescemos no meio dos barcos.

Ela sentiu-lhe na voz, o afecto, a dor ainda não sarada. E odiava-se. Queria saber mais pormenores sobre os pais dele, mas não conseguia perguntar. — Nunca entrei num barco.

— Nunca?

— Devem existir milhões de pessoas no mundo que também não.

— Gostava de entrar?

— Talvez. Gostei de ver os barcos da janela do hotel. — Ao que parecia, o casco era um *puzzle* que tinha de resolver. — Como é que sabem por onde começam a construí-lo? Imagino que trabalhem com um esboço, um projecto, um esquema, ou o que lhe queiram chamar.

— O Ethan é que tem tratado do esboço dos desenhos. Cam brinca com eles. Seth é que os desenha.

— Seth. — Apertou os dedos na alça da mala. *Acessórios*, pensou novamente. — Disse que ele andava na escola preparatória.

— É verdade. O miúdo tem imenso jeito para desenho. Veja só estes.

Agora vislumbrara orgulho, deixando-a algo agitada. Esforçando-se por manter a compostura, seguiu-o até uma parede distante, onde molduras de madeira rude exibiam desenhos de barcos. Eram bons... bastante bons. Esboços minuciosos feitos a carvão, com primor e talento.

— Ele... foi um miúdo que os desenhou?

— Foi. Fantásticos, não são? Este é o que terminámos há pouco. — Bateu com a mão no vidro. — E este é o que estamos a construir agora.

— Tem muito talento, — murmurou ela, contornando o nó que se avolumara na garganta. — Tem uma perspectiva excelente.

— Costuma desenhar?

— Um pouco, de vez em quando. É só um passatempo. — Teve de se virar, para se recompor. — Descontraí-me, e ajuda-me a trabalhar. — Determinada a voltar a exibir um sorriso, atirou o cabelo por cima dos ombros e dirigiu um certo e reluzente a Phillip. Então, onde está o artista hoje?

— Oh, ele...

Interrompeu-se, ao ver dois cães entrarem a correr no edifício. Sybill recuou por instinto, ao ver o mais pequeno avançar em linha recta na sua direcção. Emitiu um som estrangulado de aflicção, no momento exacto em que Phillip esticou um dedo e proferiu um comando certo.

— Espera, seu idiota. Não saltes. Não saltes — repetiu, mas o embalo de Tolinho revelou-se demasiado para eles. Já estava de pé, e já tinha plantado as patas exactamente abaixo dos seios de Sybill. Ela vacilou um pouco, conseguindo ver apenas os dentes afiados à mostra, no que parecia ser ferocidade, em vez de um esgar canino de felicidade.

— Cãozinho lindo — disse ela, a custo. — Cãozinho lindo.

— Cãozinho estúpido — corrigiu Phillip e puxou Tolinho para baixo, pela coleira. — Não tens maneiras. Senta. Desculpe — disse ele para Sybill, assim que o cão desceu, obediente, e lhe ofereceu a pata. — É Tolinho.

— Bom, lá entusiasta é ele.

— Não, chama-se Tolinho... combina com a personalidade. Vai ficar assim até lhe apertar a pata.

— Oh. Hmm. — Cautelosa, abanou-lhe a pata com dois dedos.

— Ele não morde. — Phillip inclinou a cabeça, reparando que nos olhos dela, distinguia muito mais angústia do que irritação. — Desculpe... tem medo de cães?

— Eu... talvez um bocadinho... de cães grandes e estranhos.

— Lá estranho é ele. O outro é o Simon, e é bastante mais educado.

— Phillip coçava as orelhas de Simon, enquanto o cão se sentava calmamente a estudar Sybill. — É do Ethan. O idiota é do Seth.

— Estou a ver. — *Seth tinha um cão*, era a única coisa em que ela pensava, enquanto Tolinho lhe oferecia a pata outra vez, fitando-a com o que se assemelhava a uma adoração servil. — Lamento, mas não percebo muito de cães.

— Estes são *retrievers* da Baía de Chesapeake... ou seja, o Tolinho é quase. Não temos a certeza que cruzamento lhe fizeram. Seth, chama o cão, antes que babe os sapatos da senhora.

Sybill levantou a cabeça rapidamente e viu o rapaz que acabava de entrar. O sol batia-lhe nas costas, lançando sombras sobre o seu rosto. Apenas conseguia ver um rapaz alto, bem constituído, que carregava um enorme saco castanho e usava um boné de basebol preto e cor de laranja.

— Ele não se baba muito. Hei, Tolinho!

De imediato, ambos os cães se puseram em pé e atravessaram a sala a correr. Seth desviou-se deles, levando o saco para uma mesa improvisada, feita de uma folha de contraplacado pousada sobre dois cavaletes de serrador.

— Não sei porque sou sempre eu a ir buscar o almoço — queixou-se.

— Porque somos maiores que tu — retorquiu Cam e afundou-se no saco. — Trouxeste-me a sandes dupla de carne assada?

— Sim, sim.

— Onde está o troco?

Seth tirou a garrafa de *Pepsi* do saco, abriu-a e bebeu dali mesmo. Depois, riu-se. — Qual troco?

— Olha, meu ladrão da treta, tenho pelo menos dois dólares a receber.

— Não sei do que estás a falar. Deves ter-te esquecido outra vez da taxa de entrega.

Cam tentou agarrá-lo, mas Seth rodopiou e afastou-se, desatando às gargalhadas.

— Amor fraterno — comentou Phillip, descontraído. — É por isso que só dou dinheiro certo ao puto. Senão, não vejo um tostão de volta. Quer almoçar?

— Não, eu... — Não conseguia tirar os olhos de Seth, mas sabia que tinha de o fazer. Agora, ele falava com Ethan, gesticulando bastante e de forma exagerada, com a mão livre, enquanto o cão dava saltinhos rápidos e jocosos para tentar apanhar-lhe os dedos. — Já comi qualquer coisa. Mas façam o favor.

— Talvez, uma bebida. Trouxeste-me a água, puto?

— Trouxe, água fina. Que desperdício de dinheiro. Bolas, o Crawford's estava cheio de gente.

Crawford's. Com uma sensação que não conseguia definir bem, Sybill percebeu que talvez estivessem na loja na mesma altura. Talvez tivessem passado mesmo ao lado um do outro. Teria passado por ele na rua, sem fazer a mínima ideia.

Seth desviou o olhar de Phillip para Sybill, estudando-a com um vago interesse. — Vai comprar um barco?

— Não. — *Não a reconhecia*, percebeu. Claro que não. A única vez em que se viram, ele não passava de um bebé. Não vislumbrou um reconhecimento espantado nos olhos dele, e o mesmo se passava com os dela. Mas ela sabia. — Vim só dar uma vista de olhos.

— Porreiro. — Voltou para o saco e tirou a sua sanduíche.

— Ah... — *Fala com ele*, ordenava-se ela. *Diz alguma coisa. Qualquer coisa.* — O Phillip estava a mostrar-me os desenhos. São fantásticos.

— Mais ou menos. — Encolheu o ombro, mas ela pensou ver um ligeiro rubor de prazer nas suas faces. — Consigo fazer melhor, mas estão sempre a pressionar-me.

Informalmente, esperava ela, foi ter com ele. Agora conseguia vê-lo bem. Tinha os olhos azuis, mas de um azul mais escuro e mais profundo que os dela e da irmã. O cabelo era de um louro mais escuro do que o da fotografia do menino que trazia na carteira. Aos quatro anos, quase parecia uma carapinha, mas agora o cabelo estava mais louro e muito liso.

A boca, pensava. Não havia uma parecença à volta da boca e do queixo?

— É isso que queres ser? — Tinha de o manter a conversar. — Artista?

— Talvez, mas é mais por gosto. — Deu uma enorme dentada na sanduíche, e depois continuou. — Nós construímos barcos.

As mãos estavam tudo menos limpas, reparou ela, e o rosto não estava melhor. Imaginava que atenções, como lavar as mãos antes das refeições, es-

tivessem excluídas de uma casa exclusivamente masculina. — Talvez optes por trabalhar como *designer*.

— Seth, esta é a Dra. Sybill Griffin. — Phillip ofereceu a Sybill um copo de plástico de água com gás e gelo. — Ela escreve livros.

— Tipo, histórias?

— Não exactamente — disse ela. — Mais do tipo observações. Agora estou a passar uma temporada na zona, para observar.

Ele limpou a boca com as costas da mão. A mão que Tolinho havia lambido entusiasticamente, antes e depois, reparou Sybill, chamando-se a si mesma à atenção.

— Vai escrever um livro sobre barcos? — perguntou ele.

— Não, sobre pessoas. Pessoas que vivem em pequenas vilas, e de momento, pessoas que vivem em pequenas vilas à beira da água. O que achas... de viver aqui, quero dizer?

— É porreiro. É uma treta viver na cidade. — Pegou no refrigerante e bebeu outra vez. — As pessoas que vivem lá são doidas. — Riu-se. — Como o Phil.

— És um campónio, Seth. Preocupas-me.

Roncando, Seth deu outra dentada na sanduíche. — Vou para a doca, lá fora. Andam por lá uns patos.

Foi para a rua, os cães a segui-lo.

— O Seth tem opiniões bastante incisivas — disse Phillip, secamente. — Parece que o mundo é mesmo a preto e branco, quando se tem dez anos.

— Ele não quer saber da experiência urbana. — Os nervos, reparava ela, haviam sido afogados pela mera curiosidade. — Ele ficou algum tempo consigo em Baltimore?

— Não. Viveu lá uns tempos com a mãe. — O tom de voz dele adensara-se, levando Sybill a erguer o sobrolho. — Faz parte daquela longa história de que lhe falei.

— Lembro-me de ter dito que ia gostar de ouvir.

— Então, venha jantar comigo hoje à noite, e podemos trocar as nossas histórias de vida.

Ela olhou na direcção das portas de carga. Seth saíra por elas, sentindo-se em casa. Tinha de passar mais tempo com ele. Para observar. E, decidiu, precisava de ouvir o que os Quinn tinham a dizer sobre a situação. Porque não começar com Phillip?

— Está bem. Gostava muito.

— Vou buscá-la às sete.

Ela acenou com a cabeça. Ele parecia perfeitamente seguro, perfeitamente bem, mas não ia correr riscos. — Não, encontro-me consigo lá.

Onde fica o restaurante?

— Eu dou-lhe a morada. Podemos começar a visita pelo meu escritório.

Fora bastante fácil, e tinha de admitir que foi interessante. A visita em si não demorou muito. Além da enorme zona de trabalho, o estaleiro não tinha muito que ver — apenas o escritório minúsculo de Phillip, uma pequena casa de banho e um armazém escuro e sombrio.

Era óbvio, até para um olhar desatento, que o centro nevrálgico das operações era o coração do estaleiro.

Foi Ethan que, pacientemente, lhe ensinou os segredos da colocação artesanal das placas sobre as linhas de água e formatos de proa. Ela achou que ele daria um excelente professor, com uma estruturação de frases simples e vontade de responder ao que seriam perguntas muito básicas.

Ela observava, genuinamente fascinada, à medida que os homens carregavam madeira numa caixa e lhe deitavam vapor para cima, até que a prancha curvasse no formato pretendido. Cam demonstrou como as extremidades eram entalhadas para conseguir junções macias.

Observando Cam com Seth, viu-se obrigada a admitir que havia um laço forte que os unia. Se os encontrasse por acaso, sem saber nada deles, iria pensar que eram irmãos, ou talvez pai e filho. Estava tudo na atitude, concluiu.

Afinal de contas, tinham assistência, pensava, o que os impelia a comportarem-se bem.

Haveria de constatar se agiam assim quando se acostumassem a ela.

Cam soltou um assobio longo e baixo, quando Sybill saiu do edifício. Movimentou as sobrancelhas, fazendo sinal a Phillip. — Muito bem, mano. Muito bem, mesmo.

Phillip lançou-lhe um sorriso, e depois levou a garrafa de água aos lábios. — Não me posso queixar.

— Ela vai andar por cá tempo suficiente para, ah...

— Se Deus existe.

Seth pousou uma prancha ao lado da serra, soltando um gemido. — Merda, queres dizer que te vais começar a atirar a ela? Será que vocês só pensam nisso?

— Para além de embirrar contigo? — Phillip arrancou o chapéu de Seth e bateu-lhe com ele na cabeça. — Claro, que mais haveríamos de fazer?

— Vocês, homens, estão sempre a casar — disse Seth, com aversão, tentando apanhar o chapéu.

— Não me quero casar com ela, só quero um jantar simpático e civilizado com ela.

— Então, atira-te a ela — concluiu Seth.

— Cristo. É de ti que ele ouve estas coisas — Phillip acusou Cam.

— Já veio assim. — Cam enrolou o braço à volta do pescoço de Seth.
— Não foi, fedelho?

Agora já não se sentia o pânico, como era costume, sempre que tocavam ou agarravam Seth. Em vez disso, ele ria e gracejava. — Pelo menos penso noutras coisas, além de miúdas o tempo todo. Vocês são uns inúteis.

— Inúteis? — Phillip pôs na cabeça o chapéu de Seth, para libertar as mãos, depois começou a esfregá-las. — Vamos atirar este peixe podre borda fora.

— Podes fazer isso depois? — pediu Ethan, enquanto Seth gritava, opondo-se feroz e deleitado. — Ou será que tenho de ser eu a construir este barco sozinho?

— Mais tarde, então — Phillip debruçou-se, até ele e Seth ficarem nariz com nariz. — E não vais saber quando, não vais saber onde, e não vais saber porquê.

— Bolas, estou a tremer de medo.

Hoje vi Seth.

Sentada ao portátil, Sybill mordiscava o lábio inferior, depois apagou a primeira frase que escrevera.

Estabeleci contacto com o sujeito esta tarde.

Melhor, decidi. Mais objectivo. Para abordar esta situação devidamente, seria melhor se pensasse em Seth como um sujeito.

Não houve reconhecimento de parte a parte. Isto é, claro, como se esperava. Ele parece saudável. É atraente, de constituição magra, mas robusto. Gloria sempre foi magra, por isso imagino que tenha herdado a sua estrutura corporal. É louro, tal como ela — ou era, quando a vi pela última vez.

Parecia estar à vontade comigo. Tenho consciência de que algumas crianças são tímidas perto de estranhos. Não parece ser esse o caso. Apesar de não estar no estaleiro quando cheguei, apareceu logo a seguir. Mandaram-no à loja comprar o almoço. Pelos queixumes e pela conversa resultantes, posso concluir que costuma fazer recados. Isto pode ter duas leituras díspares. Por um lado, que os Quinn tiram

partido de ter um rapaz disponível e que o usam para isso. Ou então, que lhe estão a inculcar um sentido de responsabilidade.

A verdade há-de residir, provavelmente, num meio-termo.

Tem um cão. Acho que é normal, até mesmo uma tradição, para uma criança que vive em zonas suburbanas ou rurais.

Também tem jeito para desenhar. Fui algo apanhada de surpresa por isso. Também tenho algum jeito, bem como a minha mãe. No entanto, a Gloria nunca mostrou qualquer habilidade nem interesse por arte. Este interesse partilhado pode ser uma forma de estabelecer comunicação com o rapaz. Vai ser necessário passar algum tempo a sós com ele para perceber qual o melhor caminho a tomar.

O sujeito está, na minha opinião, confortável com os Quinn. Parece satisfeito e seguro. Todavia, existe uma certa dureza, uma ligeira rudeza. Várias vezes, durante quase uma hora que passei com ele, ouvi-o praguejar. Uma ou duas vezes, foi ligeiramente repreendido, mas de resto, a linguagem que usou foi ignorada.

Não lhe pediram para lavar as mãos antes de comer, nem nenhum dos Quinn o repreendeu por falar com a boca cheia ou por partilhar o almoço com os cães. As suas maneiras não são assim tão terríveis, mas também não se pode dizer que sejam boas.

Mencionou que preferia viver aqui a viver na cidade. Na verdade, quase revelou um certo desdém pela vida urbana. Concordei em jantar com Phillip Quinn hoje à noite e vou levá-lo a contar-me como Seth acabou a viver com os Quinn.

Como é que esses factos batem certo, ou não, com os que recebi da Gloria, e como isso me vai ajudar a assimilar a situação.

O próximo passo será conseguir um convite para casa dos Quinn. Estou muito interessada em ver onde o rapaz vive, em o ver a interagir com os Quinn nesta fase. E em conhecer as mulheres que agora fazem parte desta família adoptiva.

Não vou contactar a Assistência Social e dizer quem sou até ter concluído este estudo pessoal.

Sybill recostou-se, tamborilando os dedos na secretária, enquanto dava uma vista de olhos pelos apontamentos. *Era tão pouco*, pensava. E a culpa era sua. Achara que estava preparada para o primeiro encontro, mas não estava.

Vê-lo deixara-a ansiosa e triste. O rapaz era seu sobrinho, da sua família. Contudo, eram estranhos. E a culpa não era dela, tanto quanto de Gloria? Alguma vez esboçara uma tentativa de se ligar a ele, de o trazer para a sua vida?

Na verdade, nunca soubera bem onde ele estava, mas alguma vez se dera ao trabalho de o procurar ou à irmã?

Das poucas vezes que Gloria entrara em contacto nos últimos anos, fora por causa de dinheiro, sempre para pedir dinheiro, ela perguntara por Seth. Mas não acreditara sempre quando Gloria lhe dissera que o miúdo estava bem? Alguma vez exigira falar com ele, ou vê-lo?

Não fora mais fácil para ela fazer uma transferência bancária e esquecê-los novamente?

Sim, admitia. Porque da única vez que o deixara entrar na sua vida, da única vez que se permitiu abrir a porta de casa e o coração, tinham-na privado dele. E como sofrera.

Desta vez faria alguma coisa. Faria o que achasse correcto, o que fosse melhor. No entanto, não ia deixar-se envolver demasiado emocionalmente. Afinal de contas, ele não era filho dela. Se Gloria ganhasse a custódia, ia desaparecer da sua vida outra vez.

Mas ela faria esse esforço, sem pressas, para ver se ele estava bem ambientado. Depois, iria continuar com a sua vida e o seu trabalho.

Satisfeita, guardou o documento e mudou para outro, para assim continuar com os apontamentos para o livro. Antes disso, o telefone em cima da secretária tocou.

— Estou, Dra. Griffin.

— Sybill. Empenhei um certo tempo e trabalho a descobrir onde estavas.

— Mãe. — Com um suspiro prolongado, Sybill fechou os olhos. — Olá.

— Importas-te de me dizer o que andas a fazer?

— De todo. Estou a fazer pesquisa para um novo livro. Como estás? Como está o pai?

— Por favor, não insultes a minha inteligência. Pensava que tínhamos concordado que não te ias meter neste assunto complicado.

— Não. — Como sempre, quando era confrontada com um problema familiar, o estômago de Sybill contorceu-se. — Concordámos que tu preferias que eu não me metesse. Mas eu decidi que preferia fazê-lo. Já vi o Seth.

— Não estou interessada na Gloria, nem no filho dela.

— Estou eu. É pena ficares aborrecida com isso.

— Como podia não ficar? A tua irmã escolheu a vida que tem e já não faz parte da minha. Não deixo que me arrastem para essa confusão.

— Não tenho qualquer intenção de o fazer. — Resignada, Sybill procurou na mala uma pequena caixa de metal que usava para guardar as aspi-

rinas. — Ninguém sabe quem eu sou. E mesmo se me ligarem ao Dr. e à Sra. Walter Griffin, é difícil que cheguem a Gloria e Seth DeLauter.

— Podem descobrir a ligação, se alguém se interessar o suficiente para pesquisar. Não vais conseguir resultados, se ficares aí a interferir com o que se passa, Sybill. Quero que te venhas embora. Volta para Nova Iorque, ou vem até Paris. Talvez dê ouvidos ao teu pai, já que não me ouves a mim.

Sybill engoliu a aspirina com água, depois pegou nos antiácidos. — Vou tratar deste assunto. Desculpa.

Instalou-se um longo silêncio, repleto de mau génio e frustração. Sybill fechou os olhos, ficando assim, à espera.

— Sempre me deste muitas alegrias. Nunca esperei uma traição deste género. Arrependo-me imenso de ter falado contigo sobre este assunto. Não o teria feito, se soubesse que ias reagir tão mal.

— É um miúdo de dez anos, mãe. É teu neto.

— A mim não me é nada, e nem a ti. Se continuares, a Gloria vai fazer-te pagar aquilo que fazes apenas por compaixão.

— Da Gloria trato eu.

Agora ouvia uma gargalhada, curta e afiada como vidro. — Sempre achaste que sim. E sempre te enganaste. Por favor, não me contactes, nem ao teu pai, sobre este assunto. Espero ter notícias tuas quando ganhares juízo.

— Mãe... — O sinal de chamada levou Sybill a fazer uma careta. Barbara Griffin era mestre a ter a última palavra. Muito devagar, Sybill pousou o auscultador no gancho. Com toda a consciência, engoliu o antiácido.

Depois, em jeito de desafio, virou-se para o monitor e enterrou-se no trabalho.

Uma vez que Sybill chegava sempre a horas e quase ninguém no mundo, pelo menos segundo a sua experiência, chegava, ficou surpreendida por encontrar Phillip já sentado à mesa que reservara para o jantar.

Levantou-se, oferecendo-lhe um sorriso arrasador e uma rosa amarela. Ambos a encantaram e a deixaram desconfiada.

— Obrigada.

— O prazer é meu. A sério. Está maravilhosa.

Dera-se a algum trabalho nessa área, mas mais por si mesma do que por ele. O telefonema da mãe deixara-a bastante deprimida e com sentimentos de culpa. Tentara livrar-se de ambas as emoções, dedicando algum tempo a cuidar da aparência.

O vestido preto simples, de decote quadrado e mangas compridas e justas, era um dos seus preferidos. O solitário colar de pérolas era herança da avó paterna, de que gostava muito. Apanhara o cabelo no alto da cabeça num carrapito elegante e colocou uns brincos de safira *cabochon* que comprara há anos em Londres.

Sabia que era o tipo de armadura feminina que as mulheres gostavam de usar, para ganhar confiança e poder. E queria ambos. — Mais uma vez, obrigada. — Deslizou para o banco à frente dele e cheirou a rosa. — E você também.

— Conheço a carta de vinhos daqui — informou ele. — Confia em mim?

— Em relação ao vinho? Porque não?

— Ótimo. — Fez sinal ao empregado. — Queremos uma garrafa do número 103.

Ela pousou a rosa ao lado do menu forrado a pele. — Que é qual?

— Um *Fuisse Pouilly* muito bom. Lembro-me do Shiney's, de que gosta de brancos. Aposto que vai achar uma grande diferença entre este e o que tomou lá.

— Imagine se não achasse.

Ele inclinou a cabeça e pegou-lhe na mão. — Alguma coisa não está bem?

— Não. — Deliberadamente, ela curvou os lábios. — O que pode estar errado? É exactamente como publicitou. — Virou a cabeça para olhar pela janela ao seu lado, onde a Baía se espalhava, de um azul-escuro e agi-

tado, sob um céu que começava a ficar cor-de-rosa, devido ao pôr-do-sol. — Uma vista linda, um lugar bestial. — Voltou a olhar para ele. — Uma companhia interessante esta noite.

Não, pensou ele, observando os olhos dela. Havia algo que não estava bem. Por impulso, chegou-se à frente, envolveu-lhe o queixo com a mão e pousou os lábios ao de leve nos dela.

Ela não o evitou, permitindo-se experimentar. O beijo era meigo, suave e hábil. E muito apaziguador. Quando ele se afastou, ela ergueu o sobrolho. — E qual foi o motivo disso?

— Parecias estar a precisar.

Não suspirou, mas sentiu uma vontade imensa. Em vez disso, pousou as mãos no colo. — Agradeço-te mais uma vez.

— Sempre às ordens. Na verdade... — Apertou os dedos um pouco no rosto dela, e desta vez o beijo procurou mais fundo, demorando-se mais.

Os lábios dela apartaram-se debaixo dos dele, antes de se aperceber de que era o que desejara que acontecesse. A respiração entrecortada, a pulsação estremecendo ao sentir os dentes dele deslizarem com leveza, a língua brincando com a dela numa dança lenta e sedutora.

Ela tinha os dedos entrelaçados com força, a sua mente começava a ficar enevoada assim que ele se afastou.

— E qual foi o motivo disto? — conseguiu dizer.

— Acho que eu estava a precisar.

Os lábios dele roçaram os dela uma vez, depois outra, antes que ela conseguisse ter a presença de espírito de pousar a mão no peito dele. Uma mão, percebia, que queria cerrar com força e agarrá-lo, em vez de o repelir.

Mas foi o que fez. Era apenas uma questão de saber lidar com ele. De se manter no controlo.

— Diria que como entrada, foi bastante tentador. Mas devíamos pedir.

— Diz-me o que se passa. — *Ele queria saber*, percebeu ela. Queria ajudar, queria afastar aquelas nuvens dos seus olhos incrivelmente límpidos e fazê-los sorrir.

Ele não esperara tomar-lhe o gosto tão depressa.

— Não foi nada.

— Claro que foi. E não há nada mais terapêutico do que desabafar em cima de um quase desconhecido.

— Tens razão. — Abriu a ementa. — Mas os quase estranhos não se interessam particularmente com os problemas comezinhos dos outros.

— Estou interessado em ti.

Ela sorriu, ao desviar o olhar das entradas para o rosto dele. — Sentes-te atraído por mim. Nem sempre é a mesma coisa.

— Acho que é as duas coisas.

Pegou-lhe na mão, segurando-a enquanto traziam o vinho para a mesa e viravam o rótulo na sua direcção para que o aprovasse. Esperou até lhe servirem a porção de prova no copo, observando-a com aquela postura firme, ignorando tudo o resto, que ela descobriu que ele assumia. Pegou nele e provou, ainda a olhar para ela.

— É perfeito. Vais gostar — murmurou para ela, ao mesmo tempo que lhes enchiam os copos.

— Tens razão — comentou ela, depois de provar. — Gosto mesmo muito.

— Vou informá-los dos pratos especiais — começou o empregado, numa voz alegre. Enquanto ele os enumerava, eles permaneciam imóveis, de mãos dadas, olhar fixo.

Sybill percebeu que não ouvira quase nada e não queria saber. Ele tinha uns olhos incríveis. Pareciam de dourado antigo, algo que tivesse visto na Roma antiga. — Vou comer a salada mista, com vinagrete, e o peixe do dia, grelhado.

Ele continuava a observá-la, os lábios a esboçar uma curva lenta, enquanto passava a mão dela por cima da mesa para a beijar. — O mesmo. E não tenha pressa. Sinto-me muito atraído — disse ele para Sybill, ao mesmo tempo que o empregado revirava os olhos e se afastava. — E estou muito interessado. Fala comigo.

— Está bem. — Que mal poderia haver? concluiu ela. Mais cedo ou mais tarde, teriam de lidar um com o outro a um nível totalmente diferente, por isso podia ser útil se houvesse agora uma compreensão mútua. — Eu sou a boa filha. — Divertida consigo mesma, sorriu ligeiramente. — Obediente, respeitadora, educada, bem-sucedida academicamente, com sucesso profissional.

— É um fardo.

— Sim, por vezes. Claro que já sei que, intelectualmente, não me devo deixar guiar pelas expectativas parentais, nesta fase da minha vida.

— Mas — disse Phillip, apertando-lhe os dedos — deixas. Todos deixamos.

— Tu também?

Ele lembrou-se de estar sentado junto à água, ao luar, a ter uma conversa com o pai morto. — Mais do que podia acreditar. No meu caso, os meus pais não me trouxeram para a vida. Deram-me a vida. Esta vida. No teu — ponderou —, uma vez que és boa filha, existe uma má filha?

— A minha irmã sempre foi difícil. Claro que tem sido uma desilusão para os meus pais. E quanto mais desiludidos ficam com ela, mais esperam de mim.

— Querem que sejas perfeita.

— Exactamente, e não consigo ser. — Queria, tentava, mas não conseguia. O que, evidentemente, era o mesmo que falhar. Como podia não ser?, imaginava ela.

— Perfeito é uma chatice — comentou Phillip. — E intimidante. Para quê tentar ser as duas coisas? O que aconteceu? — perguntou ele, ao ver que ela franzia a testa.

— Não foi nada, a sério. A minha mãe só está zangada comigo agora. Se eu ceder e fizer o que ela quer... bom, não posso. Não posso mesmo.

— Então, sentes-te culpada, triste e arrependida.

— E com medo de as coisas nunca mais voltarem a ser como antes entre nós duas.

— É assim tão mau?

— Pode vir a ser — murmurou Sybill. — Sinto-me grata por todas as oportunidades que me deram, as bases, a educação. Viajámos bastante, por isso vi muito do mundo, de diferentes culturas, enquanto era ainda criança. Foi de um valor incalculável para o meu trabalho.

Oportunidades, pensava Phillip. Bases, educação e viagens. Não mencionara nada a ver com amor, afecto, diversão. Perguntava-se se ela percebera que descrevera uma escola, mais do que uma família. — Onde é que cresceste?

— Bem... por aqui e por ali. Nova Iorque, Boston, Chicago, Paris, Milão, Londres. O meu pai dava palestras e consultas. É psiquiatra. Agora vivem em Paris. Sempre foi a cidade preferida da minha mãe.

— Culpa à distância.

Aquilo fê-la rir. — Sim. — Recostou-se, ao ver servirem as saladas. Por estranho que parecesse, sentia-se um pouco melhor. Era como se não o enganasse tanto, ter-lhe contado algo sobre si. — E tu cresceste aqui.

— Vim para cá aos treze anos, quando os Quinn se tornaram meus pais.

— Tornaram?

— É uma história muito comprida. — Levantou o copo de vinho, estudando-a por cima dele. Normalmente, quando falava daquele período da sua vida com uma mulher, costumava contar uma versão cuidadosamente polida. Não uma mentira, mas um relato pouco minucioso da sua vida antes dos Quinn.

O mais estranho, era que se sentia tentado a contar tudo a Sybill, a verdade pura e dura. Hesitou, depois decidiu-se por algo intermédio.

— Cresci em Baltimore, na parte dura da cidade. Meti-me em sarilhos, daqueles bem bicudos. Quando tinha treze anos, esperava-me o

pior. Os Quinn deram-me a oportunidade de mudar isso. Acolheram-me, trazendo-me para S. Cris. Tornaram-se a minha família.

— Adoptaram-te. — Até ali, ela já sabia, por ter pesquisado tudo o que pudera sobre Raymond Quinn. Mas não sabia o motivo.

— Pois. Já tinham o Cam e o Ethan, e arranjaram espaço para mais um. No início, não lhes facilitei a vida, mas não desistiram de mim. Nunca vi nenhum deles a baixar as mãos perante um problema.

Pensou no pai, magoado e a morrer numa cama de hospital. Até nessa altura as preocupações de Ray centravam-se nos filhos, em Seth. Na família.

— A primeira vez que vos vi — começou Sybill —, aos três, percebi logo que eram irmãos. Não têm qualquer semelhança física, mas há algo menos tangível. Diria que são um exemplo de como o ambiente pode suplantam a hereditariedade.

— É mais um exemplo do que duas pessoas generosas e determinadas podem fazer por três rapazes perdidos.

Ela bebeu vinho para lhe amaciar a garganta, antes de falar. — E o Seth.

— Rapaz perdido número quatro. Estamos a tentar fazer por ele o que os meus pais fariam, o que o nosso pai nos pediu que fizéssemos. A minha mãe morreu há alguns anos. Ficámos os quatro um pouco à deriva. Ela era uma mulher incrível. Não lhe conseguimos dar o valor, quando a tivemos por perto.

— Acho que deram. — E comovida pelo som da voz dele, ela sorriu para ele. — Tenho a certeza que se sentiu muito amada.

— Espero que sim. Depois de a perdermos, Cam foi para a Europa. Para as corridas: barcos, carros, o que fosse. Era muito bom nisso. Ethan ficou. Comprou uma casa, mas está agarrado à Baía. Eu voltei para Baltimore. Uma vez um cidadão — acrescentou com um sorriso rápido.

— O Porto de Abrigo... Camden Yards.

— Exactamente. Comecei a vir até cá de vez em quando. Nas férias, em alguns fins-de-semana. Mas não é a mesma coisa.

Curiosa, ela inclinou a cabeça. — Querias que fosse? — Lembrava-se da excitação secreta que sentira ao ir para a faculdade. De estar sozinha, sem que lhe julgassem ou avaliassem cada movimento ou palavra. Liberdade.

— Não, mas havia certas alturas, ainda agora, em que tenho saudades de como era. Não costumavas pensar em algum Verão perfeito? Tens dezasseis anos, a carta de condução novinha em folha e ainda não aqueceu na carteira, e o mundo pertence-te.

Ela riu-se, mas abanou a cabeça. Não tirara a carta aos dezasseis anos. Nesse ano, estavam a viver em Londres, segundo se lembrava. Havia um

motorista fardado para a levar onde a deixassem ir, excepto quando conseguia escapar e andar de Metro. Esse era o seu pequeno acto de rebeldia.

— Os rapazes de dezasseis anos — disse ela, enquanto tiravam os pratos da salada e lhes serviam as entradas — estão mais ligados emocionalmente aos carros do que as raparigas de dezasseis anos.

— É mais fácil para esse rapaz engatar uma rapariga se tiver quatro rodas.

— Duvido que tivesses algum problema nessa área, com ou sem carro.

— Não é fácil curtir no banco de trás, se não o tivermos.

— Verdade. E agora estás de regresso aqui, tal como os teus irmãos.

— Pois. O meu pai conseguiu ficar com o Seth, depois de algumas circunstâncias complicadas e não muito claras. A mãe de Seth... bom, se ficares algum tempo na zona, vais ouvir o falatório.

— Oh? — Sybill cortou o peixe, na esperança de o conseguir engolir.

— O meu pai ensinava literatura inglesa na universidade, o *campus* da Costa Leste de Maryland. Há pouco menos de um ano, uma mulher veio vê-lo. Era um encontro privado, por isso não sei os pormenores, mas ao que parece, não foi agradável. Ela foi falar com o reitor e acusou o meu pai de assédio sexual.

O garfo de Sybill caiu no prato. Tão descontraída quanto possível, voltou a pegar nele. — Deve ter sido muito difícil para ele, para vocês todos.

— Difícil não é bem o termo. Ela alegou ter estudado aqui há uns anos e disse que nessa altura, ele lhe exigiu sexo em troca de boas notas, que a intimidou, que teve um caso com ela.

Não, não ia conseguir engolir, percebeu Sybill, agarrando o garfo com força, até lhe doerem os dedos. — Ela teve um caso com o teu pai?

— Não, mas disse que sim. A minha mãe ainda estava viva — disse, meio para si. — De qualquer forma, não há qualquer registo dela frequentar a universidade. O meu pai deu aulas naquele *campus* por mais de vinte e cinco anos, sem um único rumor de comportamento inadequado. Ela tentou destruir a reputação dele. E deixou marcas.

Claro que não era verdade, pensava Sybill, agastada. Era típico de Glória. Acusar, destruir e fugir. Mas ela ainda tinha um papel a desempenhar. — Porquê? Porque faria uma coisa dessas?

— Por dinheiro.

— Não compreendo.

— O meu pai deu-lhe dinheiro, e bastante. Pelo Seth. Ela era a mãe do Seth.

— Estás a dizer que ela... trocou o filho por dinheiro? — *Nem mesmo*

Gloria podia fazer algo tão repugnante, pensava ela. Certamente, nem mesmo Gloria. — É difícil de acreditar.

— Nem todas as mães têm instinto. — Encolheu um ombro. — Ele passou um cheque de vários milhares e enviou-o a Gloria DeLauter, é esse o nome dela, ausentou-se por uns dias, e apareceu com Seth.

Em silêncio, ela pegou no copo de água, arrefecendo a garganta. *Ele veio e levou Seth*, soluçara Gloria. *Eles levaram o Seth. Tens de me ajudar.*

— Meses depois — continuou Phillip —, ele levantou quase todas as poupanças com um cheque ao portador. Estava de regresso a Baltimore quando teve um acidente. Não sobreviveu.

— Lamento muito — murmurou as palavras, reconhecendo como eram inadequadas.

— Ele aguentou até Cam regressar da Europa. Pediu-nos aos três que ficássemos com Seth, que tomássemos conta dele. Estamos a fazer os possíveis por cumprir essa promessa. Não posso dizer que não foi difícil, no início — acrescentou, agora com um ligeiro sorriso. — Mas nunca foi um fardo. Mudar-me outra vez para cá, começar o negócio dos barcos, não foi assim tão negativo. Cam ganhou uma esposa — acrescentou com um esgar. — Anna é a assistente social responsável pelo processo de Seth.

— A sério? Não deu tempo para se conhecerem muito, pois não?

— Parece que, quando a paixão bate, é a sério. O tempo não conta para nada.

Ela sempre acreditara que contava, com fervor. Para se ter um casamento feliz, era preciso muito planeamento, dedicação e um conhecimento sólido e profundo do parceiro, certeza da compatibilidade, uma avaliação dos objectivos pessoais.

Mas, no fim de contas, essa parte da dinâmica dos Quinn não lhe dizia respeito.

— Mas que história impressionante. — Quanto daquilo seria verdade?, perguntava-se, preocupada. Quanto seria floreado? Devia acreditar que a irmã vendera o próprio filho?

Um meio-termo, algures, decidira. A verdade pura podia encontrar-se algures entre duas histórias opostas.

Phillip não sabia, tinha a certeza disso agora. Não fazia ideia o que Gloria fora para Raymond Quinn. Quando esse mero facto fosse revelado, como é que iria mudar tudo o resto?

— Até agora, está a funcionar. O puto está feliz. Mais uns meses e a custódia permanente será atribuída. E esta história de ser irmão mais velho tem as suas vantagens. Ficamos com alguém a quem dar ordens.

Ela precisava de pensar. Tinha de colocar as emoções de lado e pensar. Mas primeiro tinha de passar a noite. — O que é que ele acha disso?

— É um esquema perfeito. Ele pode fazer queixinhas minhas ao Cam ou ao Ethan. Ele sabe como jogar. O Seth é muito inteligente. Fizeram testes psicotécnicos quando o meu pai o matriculou aqui na escola. Ele quase rebentou a escala. A pauta final de notas do ano passado? Cincos a tudo.

— A sério? — Deu por si a sorrir. — Tens orgulho dele.

— Claro. E de mim. Eu é que fiquei encarregue de o ajudar nos trabalhos de casa. Até há bem pouco tempo, nem me lembrava do quanto odiava contas de dividir. Agora que já te contei a minha história comprida, porque é que não me dizes o que achas de S. Cris?

— Ainda agora me instalei.

— Quer dizer que vais ficar por algum tempo?

— Sim. Algum.

— Só pode avaliar bem uma vila do litoral, se passar algum tempo perto da água. Porque é que não vens comigo velejar amanhã?

— Não tens de voltar para Baltimore?

— Segunda-feira.

Ela hesitou, depois lembrou-se de que era exactamente por aquele motivo que estava ali. Se queria descobrir a verdade, não podia recuar agora. — Gostava muito. Não posso garantir nenhuma habilidade como marinheira.

— Logo se vê. Vou-te buscar. Dez, dez e meia?

— Está óptimo. Imagino que todos vocês saibam velejar.

— Até os cães. — Riu-se ao ver a expressão no rosto dela. — Não os levamos.

— Não tenho medo deles. Só não estou habituada.

— Nunca tiveste um cãozinho.

— Não.

— Um gato?

— Não.

— Peixinho dourado?

Ela riu-se, abanando a cabeça. — Não. Andávamos sempre a mudar. Uma vez, tive uma colega de escola em Boston, com uma cadela que teve cãezinhos. Eram uns amores. — *Era estranho, pensava, que se lembrasse disso agora.* Como quisera um cãozinho daqueles.

Claro que fora impossível. Móvelia antiga, convidados importantes, compromissos sociais. Fora de questão, dissera a mãe. E o assunto ficou arrumado.

— Agora, sou eu que ando sempre a mudar. Não é muito prático.

— Onde é que gostas mais de ficar? — perguntou ele.

— Sou flexível. Normalmente, acabo por ficar onde me sinto bem, até ir parar a outro sítio.

- E agora é S. Cris.
- Parece que sim. É interessante. — Espreitou pela janela, onde a Lua espelhava o seu brilho sobre a água. — O ritmo é lento, mas não é estagnado. O humor varia, tal como o tempo. Passados poucos dias, já consigo distinguir os nativos dos turistas. E os marinheiros de toda a gente.
- Como?
- Como? — Distraída, voltou a olhar para ele.
- Como é que consegues distingui-los?
- Através de uma observação básica. Da minha janela consigo ver o cais. Os turistas chegam aos casais, mais em família, de vez em quando sozinhos. Passeiam ou fazem compras. Alugam um barco. Interação entre si, com as pessoas do seu grupo. Estão fora do seu ambiente. A maior parte tem máquinas fotográficas, mapas, talvez binóculos. A maioria dos nativos anda a fazer alguma coisa. Um trabalho, um recado. Podem parar para cumprimentar um vizinho. Podemos vê-los a regressar às suas vidas, assim que acabam de conversar.
- Porque é que te pões a observar da janela?
- Não percebi a pergunta.
- Porque é que não desces até ao cais?
- Já lá estive. Mas normalmente o estudo é mais exacto se nós, os observadores, não fizermos parte da cena.
- Acho que talvez conseguisses informações mais variadas e mais pessoais, se fizesses. — Olhou para cima, ao ver o empregado chegar para lhes encher os copos e oferecer a sobremesa.
- Só café — decidiu Sybill. — Descafeinado.
- Eu também. — Phillip inclinou-se para a frente. — No teu livro, a parte sobre o isolamento como técnica de sobrevivência, o exemplo que dás, de uma pessoa caída no passeio. Como as pessoas viram a cara, passam à volta. Algumas podem hesitar antes de passarem, cheias de pressa.
- Não envolvimento. Desassociação.
- Exactamente. Mas uma pessoa até podia parar, para tentar ajudar. Quando alguém rompe o isolamento, os outros começam a parar também.
- Quando se quebra o isolamento, fica mais fácil, até se torna uma necessidade para os outros juntarem-se à pessoa. É o primeiro passo que é o mais difícil. Elaborei esses estudos em Nova Iorque, Londres e Budapeste, todos com resultados semelhantes. Segue a técnica de sobrevivência urbana de evitar contacto ocular na rua, de bloquear os sem-abrigo do alcance da nossa visão.
- O que torna essa primeira pessoa, que pára para ajudar, diferente das outras?

— O seu instinto de sobrevivência não está tão alerta quanto a compaixão que sente. Ou tem o botão que acciona os impulsos muito mais sensível.

— Pois, ou isso. E sentem-se envolvidas. Não se limitam a passar, não estão só ali. Estão envolvidas.

— E achas que, porque me ponho a observar, não estou.

— Não sei. Mas acho que observar à distância não é tão compensador como experimentar de perto.

— A minha vida é observar, e considero bastante recompensador.

Ele deslizou para mais perto e manteve os olhos fixos nos dela, ignorando o empregado que servia com aprumo o café. — Mas és uma cientista. Fazes experiências. Porque é que não te dedicas a experimentar? Comigo?

Ela desceu o olhar, observando as suas pontas dos dedos a brincar com as dela. E sentiu o calor vago da resposta subir-lhe no sangue. — Essa é uma forma bastante novelesca, para não dizer, rebuscada de sugerir que vá para a cama contigo.

— Na verdade, não foi isso que quis dizer, apesar de a resposta ser sim, sou totalmente a favor. — Lançou-lhe um sorriso, assim que ela desviou o olhar, com lassidão, para o dele. — Ia sugerir que fôssemos dar um passeio pelo cais, quando acabássemos o café. Mas se preferires dormir comigo, podemos estar no teu quarto de hotel, digamos que em cinco minutos.

Ela não se desviou quando a cabeça dele se baixou sobre a dela, quando os lábios dele deslizaram, ociosos, numa carícia suave sobre os dela. Ele tinha um sabor fresco, com uma promessa latente de calor. Se queria. Como queria. Era para ela uma surpresa, o quanto queria, naquele momento exacto, queria o fogo e o ardor — a ansiedade que se sobreporia à tensão dentro dela, à inquietação, às dúvidas.

Mas já tinha uma vida inteira de prática contra os próprios desejos, e agora pousava a mão ao de leve no peito dele, para pôr termo ao beijo, bem como à tentação.

— Acho que um passeio seria agradável.

— Então, vamos passear.

Queria mais. Phillip concluiu que já devia saber, ao tomar-lhe o gosto, que iria arder de desejo. Mas não esperava que esse desejo fosse tão forte, tão latente. Talvez parte se devesse a puro ego, imaginava ele, enquanto lhe dava a mão para passear ao longo do cais silencioso. A resposta dela fora tão fria e controlada. Começou a imaginar como seria despir aquele intelecto, camada por camada, e descobrir a mulher dentro dele. Encontrar o caminho até à emoção pura e ao instinto.

Quase desatou a rir de si mesmo. Ego, sem dúvida. Tanto quanto percebia, aquela resposta formal e ligeiramente distante fora exactamente tudo o que a Dra. Sybill Griffin lhe queria dar.

Se fosse o caso, ela tornava-se um desafio a que ele teria dificuldade em resistir.

— Estou a perceber porque é que o Shiney's é um sítio tão popular. — Dirigiu-lhe um olhar sorridente. — Ainda não são nove e meia e as lojas estão fechadas, os barcos atracados. Pouca gente a passear, mas no geral, já todos se recolheram para o serão.

— No Verão é um bocadinho mais animado. Não muito, mas um pouco. Está a arrefecer. Tens frio?

— Mmm. Nenhum. Está uma brisa fantástica. — Parou para contemplar os mastros dos barcos a balouçar. — Costumas ter o teu barco aqui?

— Não, temos uma doca ao pé de casa. É o *skipjack* do Ethan.

— Onde?

— É o único *skipjack* de S. Cris. Já só existe há volta de uma dúzia na Baía. — Olha. — Apontou. — O mastro único.

Para o seu olho destreinado, os barcos à vela eram quase todos iguais. O tamanho variava, claro, e a pintura, mas na essência, eram todos barcos. — O que é um *skipjack*?

— Evoluiu dos esquifes da apanha do caranguejo, de fundo achatado. — Puxou-a para mais perto, enquanto falava. — Foram aumentados, concebidos com um casco em forma de V. Tinha de ser de construção fácil e barata.

— Então, saem neles para a apanha do caranguejo.

— Não, a maioria dos pescadores usa barcos a motor para apanhar caranguejos. O *skipjack* é para ostras. Por volta de 1800, decretaram uma lei em Maryland que só permitia que os barcos movidos a velas apanhassem ostras.

— Por motivos de preservação?

— Exactamente. O *skipjack* surgiu disso, e ainda sobrevive. Mas já não há muitos. Também já não há muitas ostras.

— O teu irmão ainda o usa?

— Sim. É um trabalho miserável, frio e duro.

— Pareces a voz da experiência.

— Já passei algum tempo dentro dele. — Parou junto à proa e passou o braço à volta da cintura de Sybill. — Velejar em Fevereiro, com o vento cortante a trespassar-te, aos tombos nas vagas enormes de uma tempestade de Inverno... vendo bem as coisas, prefiro estar em Baltimore.

Ela riu-se, estudando o barco. Tinha um aspecto antigo e rude, como algo saído de tempos idos. — Sem ter posto os pés lá dentro, tenho de con-

cordar contigo. Como é que te viste aos tombos nas vagas enormes de uma tempestade de Inverno, e não em Baltimore?

— Não faço a mínima ideia.

— Imagino que não foi nesse barco que me convidaste para passear amanhã.

— Não. Esse é uma chalupa linda, de recreio. Sabes nadar?

Ela arqueou uma sobrancelha. — Estás a preparar-me para os teus conhecimentos de marinheiro?

— Não, é só uma sugestão. A água está fria, mas não tão fria que não pudesses dar um mergulho, se quisesses.

— Não trouxe fato de banho.

— E o problema é...

Ela riu-se e recomeçou a andar. — Parece-me que um passeio de barco é suficiente para um dia. Tenho trabalho para acabar hoje à noite. Gostei muito do jantar.

— Eu também. Acompanho-te ao hotel.

— Não é preciso. É já ali ao virar da esquina.

— Mesmo assim.

Ela não discutiu. Não tinha intenção de deixar que ele a acompanhasse até à porta, nem de o deixar entrar na suíte. Vistas bem as coisas, ela conseguia lidar bem com ele, tal como com qualquer situação difícil e confusa. *A noite ainda era uma criança*, pensava, por isso ia ter tempo para arrumar as ideias e os sentimentos, antes de o voltar a ver no dia seguinte.

E sabendo que o barco estava atracado junto à casa dele, era bem provável que fosse ver Seth também.

— Apareço logo pela manhã — começou ela, ao parar a alguns metros da entrada do hotel. — Por volta das dez?

— Perfeito.

— Devo levar alguma coisa? Além de *Dramamine*?

Ele lançou-lhe um sorriso. — Eu trato disso. Dorme bem.

— Tu também.

Ela preparou-se para o beijo fácil e esperado de boa-noite. Ele tinha os lábios macios, solícitos. Satisfeita com ambos, descontraiu, começando a recuar.

Depois, a mão dele em concha apoiou-lhe a nuca com firmeza, a cabeça dele experimentando vários ângulos, e por um momento desconcertante, o beijo tornou-se quente, selvagem e intimidante. A mão que pousara sobre o ombro dele fechava-se agora num punho, que lhe agarrava o casaco, procurando equilíbrio ao sentir que os pés se elevavam do chão. A sua mente ficou em branco, acompanhando a pulsação que latejava na cabeça, que via tudo a andar à roda.

Alguém soltou um gemido, baixo e profundo.

Durou alguns segundos, mas foi tão chocante e ardente quanto um ferro em brasa. Ele vislumbrou a excitação abismada nos olhos dela, assim que se abriram para fitar os seus. E sentiu o desejo primitivo escalar uma nova etapa dentro dele.

Desta vez, não obtivera uma resposta fria, controlada e distante, concluiu. *Já lhe despira uma camada*, pensou, e deslizou-lhe o polegar pela linha do maxilar.

— Vemo-nos de manhã.

— Sim... boa noite. — Ela recompôs-se com rapidez e dirigiu-lhe um sorriso antes de se virar. Mas levou a mão insegura ao estômago trémulo, ao entrar na recepção.

Não previra o que acabara de acontecer, admitia, lutando por ir devagar, por serenar a respiração enquanto entrava no elevador. Ele não era tão meigo, educado e inofensivo quanto parecera à primeira vista.

Havia algo muito mais primitivo e muito mais perigoso dentro daquele embrulho atraente do que se apercebera a princípio.

O que quer que fosse, era demasiado envolvente para o seu bem.